TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME I

RIO DE JANEIRO
Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor
75, Rua de S. José, 75

1876

LIVRARIA POPULAR DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ, 75 — RIO DE JANEIRO

A. Herculano — O bobo, novo romance. — O Eurico. — O monge de Cister. 2 v. — Lendas e narrativas. 2 v. — Historia da inquisição em Portugal. 3 v. — Historia de Portugal. 4 v. — Estudos sobre o casamento civil. 5 folhetos. — A reacção ultramontana em Portugal. — A voz do propheta. — Ao partido liberal. — Poesias. — Opusculos. 2 v.

Pinheiro Chagas — Poema da mocidade, e o poemeto O anjo do lar. 1 v. — A flôr secca, romance. — A côrte de D. João v. — Tristezas á beira-mar. — Ensaios criticos. — Novos ensaios criticos. — A Judia, drama. — A morgadinha de Val-flôr, drama. — Portuguezes illustres. — Madrid, scenas de viagem. — Durante o combate, pretexto n'um acto. — A vingança do sargentó, por Landelle, trad. 3 v. — Em redor da minha secretaria, por Disforges, trad. — A fada de Auteuil, por P. du Terrail, trad. — A San Felice, por A. Dumas, trad. — Amigas e peccadoras, por M.me Giraud, trad. — O juramento da duqueza. — O testamento do conde, trad. — A virgem Guaraciaba. — Contos e descripções. — O major Napoleão. — O segredo da viscondessa. 1 v. — Os guerrilheiros da morte. 1 v. — Historia da communa de Paris. 2 gr. v. com estampas. — Ministros, padres e reis. 1 v. — Historia da guerra entre a França e a Prussia. 1 v. — A conspiração de Pernambuco. 1 v. — A mascara vermelha. 1 v. — Astucias de namorada. 1 v. — O filho de Marat, trad. 4 v. — Historia de Portugal. 8 v. — Lenda da meia noite. 1 v. — O terremoto de Lisboa. 1 v. — A varanda de Julieta. 1 v. — Dramas do povo.

Rebello da Silva — Fastos da Igreja, historia da vida dos santos. 2 v. — A mocidade de D. João v, romance. 3 v. — Odio velho não cança. 2 v. — Historia de Portugal. 5 v. — Vida e escriptos de Martinez de la Rosa. — Lagrimas e thesouros. 1 v. — Varões illustres das tres épocas constitucionaes, com retratos. — De noite todos os gatos são pardos, romance. — Contos e Lendas. 1 v. — Compendio de economia industrial e commercial. 1 v. — Economia politica. 1 v. — Economia rural. 1 v.

Julio Diniz — As apprehensões de uma mãi.

Julio C. Machado — Contos ao luar. — Historias para gente moça. — Passeios e phantasias. — Em Hespanha, scenas de viagem. — Recordações de Paris e Londres. — Scenas da minha terra. — Contos a vapor. — Do Chiado a Veneza. — Quadros do campo e da cidade. — Da loucura e das manias em Portugal. — Lisboa na rua. 1 v. — Os theatros de Lisboa. — Estevão. 1 v. — A vida em Lisboa. 2 v. — Claudio, 1 v. — Manhãs e noites. 1 v.

Camillo C. Branco — Agulha em palheiro. — Amor de perdição. — Amor de salvação. — Os amores do Diabo, trad. — Anathema. — Annos de prosa. — Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado. — O bem e o mal. — Os brilhantes do brazileiro. — A bruxa do monte Cordova. — Carlota Angela. — O carrasco de Victor Hugo. — Cavar em ruinas. — Cousas leves e pesadas. — Cousas espantosas. — Coração, cabeça e estomago. —

TROVADOR

TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

MODINHAS, RECITATIVOS, ARIAS, LUNDÚS, ETC.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA

VOLUME I

RIO DE JANEIRO
Na LIVRARIA POPULAR de A. A. da CRUZ COUTINHO — Editor
75, Rua de S. José, 75

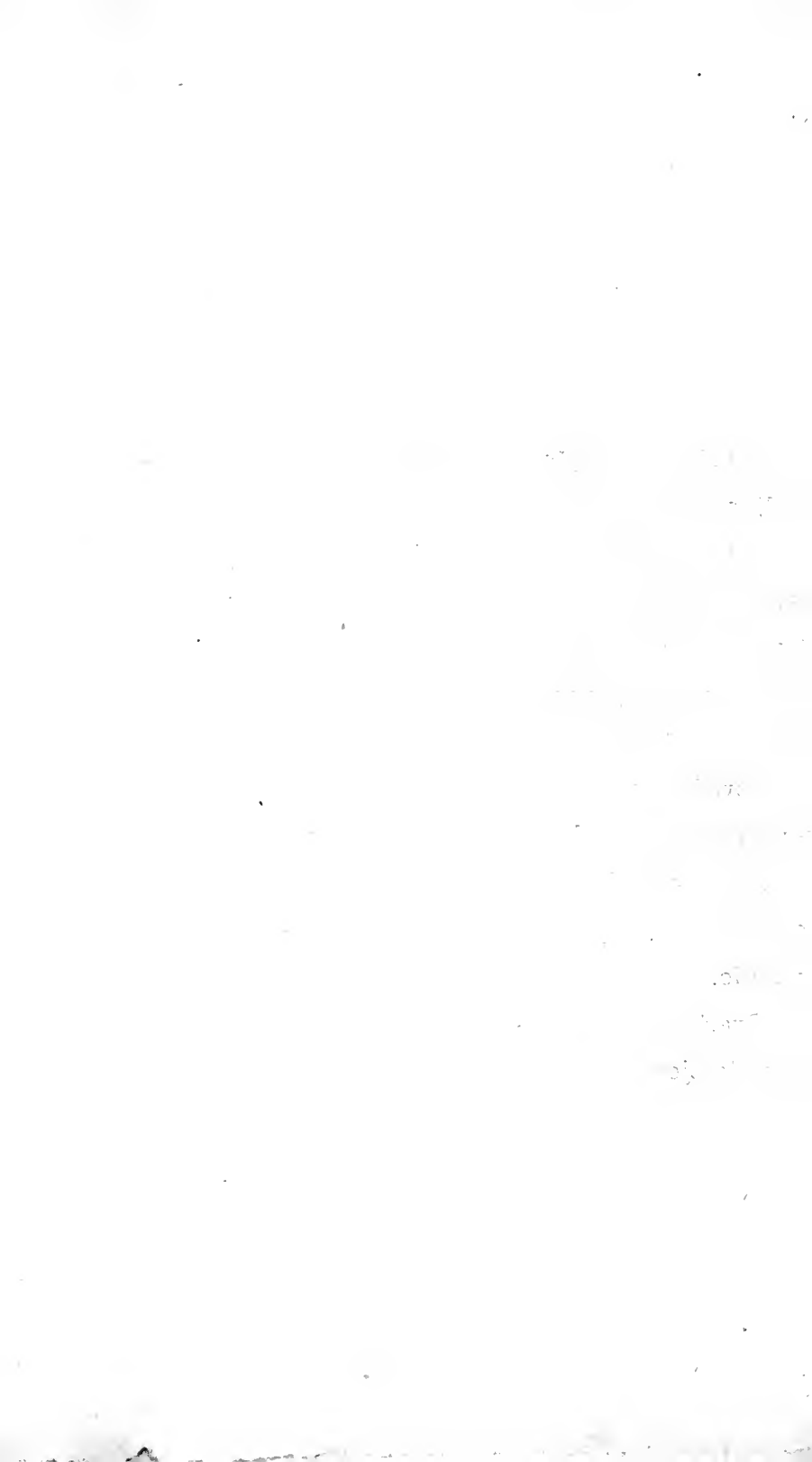
1876

A primeira edição do TROVADOR, collecção de modinhas, recitativos, arias, lundús, etc., esgotou-se.

Isto quer dizer que o publico acolheu-a com o devido apreço, e sem duvida era digna d'isso; pois que em nenhum outro ramilhete poetico, e por tão commodo preço, se encontram reunidas mais variadas e coloridas flôres, tanto brazileiras como portuguezas.

Levado, pois, pelo desejo de agradar aos amadores d'este genero de poesia popular, resolvemos fazer esta nova edição, valendo-nos de todos os recursos para que ella seja em tudo digna do publico illustrado.

Oxalá que este trabalho corresponda aos nossos bons desejos.

O EDITOR.

TROVADOR

MODINHAS

O CANTO DO CYSNE [1]

(MODINHA SENTIMENTAL)

Poesia do fallecido dr. Laurindo e musica do ill.mo snr.
A. J. S. Monteiro

Quando eu morrer, não chorem minha mórte;
Entreguem o meu corpo á sepultura
Pobre, sem pompa, e sejam-lhe mortalha
Os andrajos que deu-me a desventura.

Não se insulte o sepulchro, apresentando
Um rico funeral de aspecto nobre;
Como agora a zombar me dizem vivo,
Podem morto dizer-me: Ahi vai um pobre.

[1] Esta poesia foi feita pelo dr. Laurindo José da Silva Rebello, dias antes do seu fallecimento, em 1864.

Dos amigos hypocritas não quero
Publicas provas de affeição fingida;
Deixem-me morto só, como deixaram-me
Luctar só contra a sorte toda a vida.

Outros prantos não quero que não sejam
Esses prantos de fel amargurado
De minha companheira de infortunio,
Que me adora, apesar de desgraçado.

O pranto, açucena de minh'alma,
Do coração sincero, d'alma sã,
De um anjo que tambem sente os meus males,
De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um joven amigo, tambem quero
Que junte em minha eça os prantos seus
Aos de um pobre ancião, que perfilhou-me
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus.

Dos meus todos, eu sei que terei preces,
Saudades e lagrimas tambem,
Que não tenho lembrança de offendel-os,
E sei quanta amizade elles me tem.

E tranquillo, meu Deus, a vós me entrego,
Peccador de mil culpas carregado;
Mas os prantos dos meus perdão vos pedem
E o muito que tambem tenho chorado.

RISO E MORTE

Quando eu deixar de chorar,
Quando eu contente me rir,
Não se enganem, — desconfiem
Que não tardo a succumbir.

Quando a alma ao infortunio
Assim ligada se tem,
Como termo da desgraça
A morte não longe vem.

Eu vim ao mundo chorando,
É chorar o meu viver;
Quando eu deixar de chorar
Estou prestes a morrer.

Vem, ó morte! — de meu pranto
Não receies; pódes vir:
Choro nos braços da vida,
Nos teus braços me hei-de rir.

Muitas vezes um momento
Que parece de ventura,
Não é mais que um riso d'alma,
Vendo perto a sepultura.

O feliz ri-se da vida,
Por vêr n'ella seu jardim;
O desgraçado na morte,
Por vêr da desgraça o fim.

RECITATIVO

TEU DÔCE AMOR

Da luz sublime, que te inunda os olhos,
Vem dar-me um raio de eternal fulgor;
E no meu peito a suspirar amante
Dá-me as delicias do teu dôce amor.

Quero-te muito, matutina estrella,
Celeste musa, peregrina flôr;
Por ti velando, suspirei saudoso,
Chorando a falta do teu dôce amor.

As auras brandas do correr da tarde,
O ether puro de azulada côr
Não tem perfumes como tens nos labios,
Nos ternos beijos do teu dôce amor.

O céo e os astros, a prateada lua,
O fogo ethereo que nos dá calor
Não tem imperio no meu sêr inteiro,
Como os perfumes do teu dôce amor.

Não era um sonho que eu guardava n'alma,
Nas vivas chammas de um sentido ardor;
Eram as rosas de um affecto immenso,
Eram saudades do teu dôce amor.

Mas hoje sinto que acordei de novo,
Que ás faces volta o juvenil rubor,
Nova existencia no teu seio encontro,
Nos teus afagos, no teu dôce amôr.

Bettencourt da Silva.

CANÇÃO

O ARTISTA

(ROMANCE)

Musica do ill.mo snr. Antonio Luiz de Moura

Curvado em lucta constante
Da vida co'as incertezas,
Soffre o artista desgraçado
Da sorte as duras cruezas.

Chorando — coitado!
Da sorte ao rigor,
Seus bens são o pranto,
Seus gozos a dôr.

Apenas desponta o dia
Corre veloz ao trabalho,
A noite longa já vai,
Não busca dôce agasalho.

Chorando — etc.

Quando — quebradas as forças —
Dorido — quer repousar,
Cuidados mil que o anceiam
Seu somno vem perturbar.

Chorando — etc.

Vê sua esposa e os filhinhos
Ás vezes faltos de pão;
Sem meios p'ra adquiril-o
Fugir-lhe sente a razão.

Chorando — etc.

No leito da dôr ás vezes
De tudo vê-se privado,
Que em vão procura o artista
Mudar o rigor do fado.

Chorando — etc.

Estranho vive — coitado!
Do mundo aos gozos mesquinhos;
O pobre artista por bens
Só tem acerbos espinhos.

Chorando — etc.

Até que em campa esquecida
Das lides acha o repouso,
Soffreu do mundo os desprezos,
As dôres teve por gozo.

Não mais do destino
Tem nada a temer;
O artista repousa
Sómente ao morrer.

A. J. de Sousa.

LUNDÚS

A CÔR MORENA

Para ser cantado com a musica do lundú — *A Moreninha*

Côr morena delicada,
Apreciada
És por muitos com razão;
Pois por ti tambem eu sinto,
Ah! não minto,
Quanto póde uma paixão.

Tem tal côr tanta gracinha,
Sinházinha,
Que só por gracinha prende;
E, seguro em tal prisão,
O coração
Inda mais culto lhe rende.

É gentil a moreninha,
Engraçadinha,
Muito viva e ardilosa;
E se mais travessa é ella
É mais bella,
É mil vezes mais formosa.

Mas eu, que estes versos faço,
Dou um passo
Que parece mangação;
E aposto que a sinhá,
Linda yáyá,
Crê-me um bello mocetão!

Pois não sou, minha senhora,
E sem demora
Desfaço este enganosinho;
Amo, sim, a vossa côr,
E com ardor,
Mas por ser de meu bemzinho.

Eu gosto d'um rapazinho
Moreninho,
Tambem cheio de gracinha;
Não lhe ganha em travessuras,
Diabruras,
A mais viva moreninha.

É a côr mais feiticeira,
Candongueira,
Que creou a natureza;
E a ti, que tens tal côr,
Meu amor,
Juro amar-te com firmeza.

Por uma joven fluminense.

BORBOLETA

Meninas ha que me chamam
Borboleta e beija-flôr,
Porque dizem que eu a todas
Faço protestos de amor.

Como se enganam
Em tal pensar!
Jonia que diga
Se eu sei amar.

Porque eu olhe com ternura
Às vezes para uma bella,
Me julgam sem mais nem menos
Apaixonado por ella!

Como se enganam — etc.

Dizendo que as moças todas
Meus mimos e graças tem,
Decidiram em seu jury
Que eu não adoro a ninguem.

Como se enganam — etc.

Passa por certo entre ellas
Que a minha forte paixão
Desfaz-se toda na lingua,
Sem chegar ao coração.

Como se enganam — etc.

MODINHAS

OH SORTE MINHA CRUEL!

Oh sorte minha cruel,
Vem meus dias terminar,
Já que Jonia, por quem morro,
Não me quer feliz tornar.

Só o desejo
De a gozar
Mantem-me a vida
Sempre a penar.

Um momento de prazer
Bem merece o trahidor,
Que só tem por ti soffrido
Tantos tormentos e dôr.

Só o desejo
De a gozar
Mantem-me a vida
Sempre a penar.

Céos! oh céos! por piedade
Arrancai meu coração,
Que sumiu-se a minha estrella
Nas nuvens da ingratidão!

Só o desejo
De a gozar
Mantem-me a vida
Sempre a penar.

ROSTO D'ANJO

Rosto d'anjo, formosa donzella,
Que as cadêas de amor me pozeste,
Ah! não fujas — não leves-me a vida,
Não me roubes um bem que me déste.

ESTRIBILHO

Já não póde meu peito ser d'outra,
Já não posso existir sem te amar;
Só comtigo entendi a existencia,
Quero á campa comtigo baixar.

São ligados os meus aos teus dias
Como o calix da folha da flôr!...
Não consintas que a flôr se desfolhe,
Ah! não quebres os laços de amor!

ESTRIBILHO

Já não póde meu peito ser d'outra,
Já não posso existir sem te amar;
Só comtigo entendi a existencia,
Quero á campa comtigo baixar.

RECITATIVOS

BRAZIL, ACORDA!...

(RECITATIVO HEROICO)

Brazil, acorda do dormir profundo,
O velho mundo—te contempla a furto,
Vendo tolher-te—da molleza o laço—
Da gloria o passo—para ti tão curto.

Gigante immenso pelo céo votado
A marcio fado — de brilhantes louros,
Porque, fremente qual bramir das vagas,
Já não esmagas — quem te traz desdouros?!...

Em sonho, ao menos, meu Brazil, não vês,
Não entrevês — essa cohorte ousada,
Que — traiçoeira — do teu somno á sombra
A honra assombra — sob a dextra armada?!...

E tu dormitas!... quem dormir te faz?...
Que mão audaz — o teu valor reprime?!...
Ah!... tens razão.... que *do passado os guias*
Foram harpias a vender-te ao crime!...

Porém qu'importa!... do lethargo acorda!...
Esmaga a horda — que voraz — servil —
Ousou tocar o teu emblema santo,
Manchar-te o manto — traiçoeira e vil!...

Vê de teus filhos como jorra o sangue!...
Um povo exangue — já descrido clama!... [1]
Eia!... em teus olhos, meu Brazil valente,
Brilhe fremente — do valor a chamma!...

Tens elementos que os inveja o mundo;
És sem segundo — a cobardia pune;
Ergue terrivel esse busto — e mostra
Que não se arrostra — teu furor impune!...

Ah!... estremeces, meu Brazil querido?!...
Emfim!... ouvido foi da patria o grito?!...
Moves os membros do torpôr escravos,
Ao som dos bravos — do teu povo afflicto!...

[1] O povo de Matto-Grosso.

Ergueste o collo, e teu olhar certeiro
O quadro—inteiro—devassou—terrivel;
A fronte enrugas—teu olhar é chamma
Que o raio inflamma—de vingança horrivel!...

Hosana!... hosana!... povo-rei, hosana!...
Do céo dimana—nossa gloria certa!...
Em marcio fogo, meu Brazil, já ardes!...
Tremei, cobardes! meu Brazil desperta!...

1865.

A. J. de Sousa.

ELVIRA

Serenos threnos de alaude rude,
Da juventude, venho aqui depôr;
Sonhando, amando teus encantos santos,
Virgem, meus cantos pedem só amor!

Formosas rosas n'esse rosto, posto,
Ha, só por gosto, da natura a mão;
Teu seio, cheio de ternura pura,
Tem na brancura virginal condão!

Não minto. Sinto que minh'alma a palma
Sonha da calma n'esse teu sorrir...
Tristonhos sonhos do futuro, eu juro,
Teu riso puro poderá banir!

Florída a vida se tornára, e cara,
Se pouco avára fosses tu no amar;
De amores dôres não carpira a lyra,
Se alento, Elvira, me quizesses dar!

Divinos hymnos, — não lamentos lentos,
Soltára aos centos teu fiel cantor,
Se anhelos bellos, perfumosos gozos,
Dias ditosos lhe trouxesse amor!

Meu peito, leito de amarguras duras,
De crenças puras se nutrira um dia,
Se Elvira dira a meus amenos threnos
Dissesse ao menos que valor daria!

J. F. N.

ARIA

A CORDA SENSIVEL

Traducção de F. P. Brito, da comedia do mesmo titulo

Da sorte aos acasos nada é impossivel
E tudo de amor se deve esperar,
Porque das mulheres a — *corda sensivel*
Mais tarde ou mais cedo se sente vibrar.

É sempre a *loureira* em tudo accessivel
A todos aquelles que bem podem dar;
O fraco lhe movem, a — *corda sensivel,*
O carro, o vestido, o brinco, o collar.

A grata *burgueza* é mais susceptivel,
Com certa reserva se faz respeitar;
Se dão-lhe, porém, na—*corda sensivel,*
Assim como vive se deixa levar.

A nobre *fidalga* se mostra inflexivel
Brazões e grandezas querendo mostrar,
Mas cede ao vibrado da—*corda sensivel,*
Se ha mão amestrada que a saiba tocar.

Sagaz *bailarina* é tal combustivel
Que o fogo de amor faz logo atear,
Mas d'ella é o fraco, a—*corda sensivel,*
Folia, brinquedo, passeio ou jantar.

A bella *criada,* se está disponivel,
Na casa dos amos quer brios mostrar;
Ao toque, porém, da—*corda sensivel,*
Por dadiva simples se deixa levar.

A sonsa *beata,* na igreja infallivel,
Que em Deus só parece rezando pensar,
Ao simples vibrado da—*corda sensivel,*
Nem mais um momento se occupa em rezar.

Á pura *innocencia,* empresa é temivel
Fazel-a de amores nas luctas entrar,
Porque ninguem sabe da—*corda sensivel*
No peito innocente onde é o lugar.

Comtudo na terra nada é impossivel
E tudo de amor se deve esperar,
Porque das mulheres a—*corda sensivel*
Mais tarde ou mais cedo se sente vibrar.

LUNDÚS

PONTO FINAL

Poesia de F. P. Brito, e musica do snr. J. J. Goyanno

Tive por certa menina
Uma paixão sem igual,
Que escapou de dar commigo
Dos doudos no hospital.

Porém agora
Meu coração
Poz na oração
Ponto final.

Amei com pontos e virgulas,
Divisões e reticencias...
Tiradas as consequencias,
Tudo era artificial!

Porém agora
Meu coração
Poz na oração
Ponto final.

O que ella por mim fazia
Fazia a outros tambem;
Não ter amor a ninguem
É seu timbre natural.

Por isso agora
Meu coração
Poz na oração
Ponto final.

A MARREQUINHA

Poesia de F. P. Brito, e musica do snr. F. M. da Silva

Os olhos namoradores
Da engraçada yá-yázinha,
Logo me fazem lembrar
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

Se dançando a *brazileira*
Quebra o corpo a yá-yázinha,
Com ella brinca pulando
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

Quem a vê terna e mimosa
Pequenina e redondinha,
Não diz que conserva presa
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

Na margem da Caqueirada
Não ha só bagre e tainha,
Alli foi que ella creou
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

Tanto tempo sem beber,
Tão *jururú*... coitadinha...
Quasi que morre de sêde
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,
Solte a marreca,
Senão eu morro,
Leva-me a breca.

MODINHAS

SÃO CIUMES DE UMA INGRATA

Sinto no peito uma dôr
Que me consome e maltrata;
A dôr que sente minh'alma
São ciumes de uma ingrata.

Tenho no peito um amor
Que meu socego arrebata;
Os tormentos por que passo
São ciumes de uma ingrata.

Porque perto já da campa
A agonia se dilata?
Não são saudades do mundo,
São ciumes de uma ingrata.

A AUSENCIA

Poesia do ill.mo snr. dr. D. J. G. Magalhães, e musica do snr. Raphael C. Machado

Se os meus suspiros voassem
C'os meus tristes pensamentos,
E narrando os meus tormentos,
No teu coração vibrassem;
Ficaria commovida,
Oh! minha Urania querida!

Levai, ó céos,
Aos seus ouvidos,
Meus ais saudosos
E meus gemidos.

Ausente de ti, ó bella,
Só tristeza me rodeia;
Não vês a noite tão feia,
Sem lua, sem uma estrella?
Assim tenho est'alma agora,
Est'alma que por ti chora.

Levai, ó céos — etc.

Que de vezes passeando
N'esta horrenda soledade,
Consumido de saudade,
Adormeço em ti pensando!
Sonho então, e assim só vivo
Com esse prazer esquivo.

Levai, ó céos — etc.

RECITATIVO

DÁ-ME UM SORRISO

Porque me foges? teu desprezo mata,
Maltrata o seio que se abraza em chamma,
Com teu rigor, foge-me a razão,
E o coração mais a mais se inflamma.

E se de longe, para mim sorrindo,
Além fugindo, teu zombar conheço,
Tratos do inferno me acabrunham alma,
Da vida a calma a teu amor offr'eço!

Nas lindas pregas d'esse teu vestido,
Vejo tolhido meu prazer futuro;
Ah! não te volvas, quero vêr teu rosto,
Dá-me um só gosto no teu riso puro.

Ah! não me fujas, vem ser minha um dia,
Sacra magia para mim desprende,
Vem ser o anjo a me guiar na vida,
Louca, perdida, que a ti só me prende!

Olha o meu peito succumbindo á dôr,
Lê santo amor nos meus rubros olhos,
Lança-me — boa — n'um caminho liso,
Dá-me o p'raiso n'um trilhar de abrolhos.

Eis-me curvado p'ra beijar-te as plantas,
Pois me supplantas n'um penar tão forte;
Move estes labios dôce — sim —, me dando,
Cedo mudando minha fera sorte.

Dá-me um só gesto, te darei a vida,
Louca, perdida, que a ti só me prende,
Junta-te ao seio de um fervente amar,
Sente o pulsar que de si desprende.

Dar-te-hei um beijo, morrerei contente,
Crente da vida que em ti bebi;
Embora eu morto, sem calor na arteria,
Torpe materia — pensarei em ti! —

Rodrigues Proença.

PORQUE ME FITAS?

Porque me fitas esses olhos languidos?
Porque interrogas a minh'alma assim?
Não vês que soffro — que padeço tanto,
Que de ti fujo por fugir de mim?

Ave cançada de pairar no espaço,
Buscas a sombra? que fallaz miragem!
Oh! não te illudas... porque em vez d'oásis
Talvez encontres a fatal voragem.

Vir de tão alto procurar na terra
Um ramo verde para ao sol pousar!
Ai! volve prompta... não te arrisques... treme,
Não é um lago o que tu vês... é o mar!

Tens tu coragem d'affrontar as ondas
Que além se alteiam em feroz tropel,
E á tempestade confiar afouta
De teu destino o festival baixel?

Se tens, escuta: caminhemos juntos,
Embora eu sinta vacillar-me o pé;
Serás o facho dispersando as trevas
Em que eu já via abandonar-me a fé!

Estreito abraço nos enlaça as vidas
Presas, bem presas pelo gozo e odôr;
Quando tu gemas, gemerei comtigo;
Quando sorrires, sorrirei d'amor!

Iremos ambos aos confins do mundo
Pedir ao ermo a solidão capaz;
Vagar á tarde na lagôa amena,
Cantar dos astros ao luzir fugaz!

Mas se o tufão accommetter bramindo
O lenho fragil da amorosa nau,
Perdidos ambos entre as vagas doudas,
Onde encontrar da salvação o vau?

Entre os extremos de tão vária sorte
Lucto, mesquinho, a procurar a luz
Que nos aponta da ventura a senda,
Ou dar os braços á espinhosa cruz!

ROMANCE

JÁ NÃO VIVE DÉLIA

Poesia do snr. F. d'A. Pereira Castro, e musica do snr. Elias Alvares Lobo

Sinto a morte no meu peito,
Sinto a febre da agonia;
Já não vive Délia—virgem
Por quem minh'alma vivia.

Vou vêl-a, vou procural-a,
A virgem dos sonhos meus;
Se não achal-a nas tumbas,
Hei-de encontral-a nos céos.

Ai! não chores, mãi querida,
Não augmentes minha dôr;
Já não soffro,—na agonia
Ouço as dulias ao Senhor.

Querida flôr de minh'alma,
Minha mãi, eu parto... adeus!
Adormeço nos teus braços,
Acordarei lá nos céos.

LUNDÚS

FEITIÇOS DA MULATA

Quando vejo da mulata
Um reverendo bração,
Cabello liso e bem negro,
Largo, chato cadeirão;

Eis-me já todo rendido,
Já captivo da paixão,
Perco os sentidos de todo,
Não fico mais gente, não.

Se brilham dentes de prata
Entre um beiço arrebitado,
E se este tem bigodinho
Bem compacto e azulado;

Eis-me já todo rendido—etc.

Se um nariz arrebitado,
E um olhar desdenhoso,
Se seus gestos dão symptomas
De ter um peito amoroso;

Eis-me já todo rendido—etc.

Se vejo pomos de Venus
Entre as vestes empurrar,
Se tem pulso feito a torno,
Cinturinha de matar;

Eis-me já todo rendido — etc.

Mais que o corpo, escurecido,
Se o sovaquinho diviso,
Todo bom, todo cheiroso,
Bem côr do céo, por bem liso;

Eis-me já todo rendido — etc.

Se acaso o vento estampa
Nas vestes certo retrato,
Por quem suspiro morrendo,
Por quem morrendo me mato;

Eis-me já todo rendido — etc.

Com andar meigo — gingando,
Se me faz certos tremidos,
Aformoseando o rodaque
Com compassados bulidos;

Eis-me já todo rendido — etc.

Se a final a gozar venho
Tão subida formosura,
Me torno divinisado,
Deixo de ser creatura;

Eis-me então mais que rendido,
Mais captivo da paixão,
Entre soluços expiro,
Não fico mais gente, não.

NÃO POSSO COM MAIS NINGUEM

Para ser cantado pela musica do lundú—*Eu posso com mais algue*

É mentira quem lhe disse
Que muitas me querem bem,
Tenho apenas uma amante,
Não posso com mais ninguem.

Pois já trago esfrangalhado
O meu pobre coração,
Me deixem por piedade,
Não posso com ninguem, não.

Esta amante, que possuo,
Verdade é—me quer bem,
Mas creiam, já me aborrece...
Não posso com mais ninguem.

« Se por falso ou inconstante »
Alguma outra me tem,
Paciencia—uma é bastante,
Não posso com mais ninguem.

Eu bem sei que as mocinhas
Me julgarão toleirão,
Mas por modestia é que eu digo:
Não posso com ninguem, não.

G. P.

MODINHAS

AMOR PERFEITO

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada pela musica da modinha — *Rôxa saudade*

Amor perfeito,
Terna florinha,
Tu és a cópia
Da vida minha.

Tu só conheces
O que é paixão,
Pois que do amor
Tens a expressão.

Tua côr linda,
E delicada,
É p'los amantes
Apreciada.

Cada folhinha,
Que em ti se prende,
Nas almas ternas
Amor accende.

Vives, florinha,
Tal como eu vivo,
De amor ardendo
Em fogo activo.

Só tu exprimes
Perfeito amor:
Paixão igual
Dá-me calor.

Adeus, mimosa,
Galante flôr;
Deus te conserve
Symb'lo de amor.

P'ra mim só peço
Um terno peito,
Que me consagre
Amor perfeito.

Por uma joven fluminense.

DESALENTO

Poesia do fallecido dr. Laurindo Rebello, e musica de ***

Quando eu morrer, minha morte
Não lamentes, caro amigo;
O sepulchro é um jazigo
Onde eu devo descançar;
A minha triste existencia
É tão pesada, é tão dura,
Que a pedra da sepultura
Já não me póde pesar.

Uma lagrima, um suspiro,
Eis quanto custa o morrer;
Custa-nos sempre o viver
Prantos, suspiros sem fim:

Que tormento fôra a vida
Se não fosse transitoria!
Não me risques da memoria,
Porém não chores por mim.

Enchem trevas o sepulchro,
Mas ninguem d'elle se queixa;
Quando o morto os olhos fecha
Não quer luz — quer descançar;
Aquelle fundo silencio,
Aquelle extremo abandono,
Dão-lhe tão tranquillo somno,
Que não póde despertar.

Já tive medo da morte,
Agora tenho-o da vida;
Sinto minh'alma abatida,
Sem vigor o coração;
Já cançado de viver
Para a morte os olhos lanço,
Vejo n'ella o meu descanço,
A minha consolação.

A DESPEDIDA

Musica de * * *

A herva nasce no prado,
Dá-lhe impulso a natureza,
Florece, murcha, se extingue,
— Esta vida é sem firmeza.

Linda rosa desabrocha,
Ostenta gentil belleza,
Logo após perde o perfume,
— Esta vida é sem firmeza.

Nada no mundo se exime
D'esta lei a tal fereza,
Tal é dos mortaes a sorte,
— Esta vida é sem firmeza.

Ás delicias de um só dia
Succede logo a tristeza,
Aos prazeres succedem prantos,
— Esta vida é sem firmeza.

Infancia, sonhos dourados,
Brilhantes de gentileza,
Tudo passa vindo a morte,
— Esta vida é sem firmeza.

Alegre busco teu canto,
Em ti louvo a natureza,
Ámanhã tudo é mudado,
— Esta vida é sem firmeza.

Eu parto com a saudade,
No peito levo a tristeza,
Tu ficas, logo te esqueces,
— Esta vida é sem firmeza.

S. Paulo — Setembro, 1862.

RECITATIVOS

O CANTO DA VIRGEM

Eu sou qual rosa, na manhã serena,
Ao sol rompendo o coralino encanto;
Se a briza passa, na singela aragem
Aos céos envio meu sincero canto...

No liso espelho de azuladas aguas,
Eu miro ás vezes meu gentil semblante;
E as estrellas de meus olhos lindos
Alli retratam seu luzir brilhante.

Das meigas flôres que no prado colho
Não ha nenhuma, como eu, tão bella...
Mas aos perfumes eu lhe ajunto beijos
E d'ellas teço virginal capella.

Á claridade de um luar ameno,
Nas verdes folhas de meus louros annos,
Eu passo a vida descuidosa e pura,
Do mundo longe, dos mortaes enganos.

Se as avesinhas, ao alvor d'aurora,
Nos seus gorgeios vem saudar o dia,
Eu rezo á noite uma oração de amores,
Gratos perfumes d'immortal poesia.

Feliz, ditosa, só em Deus pensando,
Caricias gozo de uma mãi querida;
No seu regaço dôce amor me enleia
E aos seus afagos eu entrego a vida.

Bettencourt da Silva.

REMORSOS

Possa meu pranto perpassar a lousa
Onde repousa um coração trahido;
Possam remorsos que minh'alma sente
Ferir a mente do mortal descrido.

Mas elle dorme n'este chão gelado,
Já descançado do fervor da lida;
Eu, á perjura, sem pensar na sorte,
Doei-lhe a morte no festim da vida!

E hoje choro, sem achar alento,
Um só momento, no soffrer tyranno;
Busco nas trevas mitigar as dôres,
Crueis fervores do passado ufano!...

Oh briza amiga, que passaes gemendo,
Eu vou morrendo sem achar abrigo;
Vem, companheira, que eu te peço ainda,
Na dôr infinda vem-te unir commigo.

Agora quero recostar meu peito,
Todo desfeito, de chorar magoado;
Quero na lousa ir occultar meu pranto,
Meu triste canto — concluir meu fado.

Não quero a vida que passei sorrindo,
Quando fruindo — desprezei amores;
Quero na campa descançar da lida,
Da quadra infida de fingidas flôres!...

Adeus, ó mundo, fui cruel bastante,
Hoje constante eu serei na morte;
Fingidos sonhos, para sempre adeus,
Suspiros meus — vou buscar a sorte!...

Morreu chorando, no alvor da vida,
A mulher fingida, sem gozar amores;
Louca sentindo os remorsos n'alma,
Buscou a palma de mirrhadas flôres!...

S. de Barros Albuquerque.

BARCAROLA

O GONDOLEIRO

Gondoleiro, as velas solta,
Correr deixa o teu batel;
Toma o leme, o baixo evita,
Não vás dar contra o parcel.

Canta, e corre sobre as aguas,
Que abrandarás tuas maguas.

Já é dada a meia noite,
Hora propria de chorar;
Gondoleiro, o triste canto
Pódes agora entoar.

Canta, e corre sobre as aguas,
Que abrandarás tuas maguas.

A lua já vai bem alta,
Não se escuta um só rumor,
A briza manda os queixumes
De teu desgraçado amor.

Canta, e corre sobre as aguas,
Que abrandarás tuas maguas.

LUNDÚ

IMBERNIZATE, ENGRAXATE, A LA MODE DE PARIS

(NOVO LUNDÚ)

Poesia do snr. M. M., e musica do snr. V. A. B.

Que maldita é esta vida,
Soes e chuvas supportar,
Escovas, graxas em potes,
Eu sósinho a carregar!

Não sabem? Já meu retrato
No caixão mandei pregar,
Para vêr se com tal luxo
Attenção vou despertar.

Porém se eu vejo um freguez,
Com força o collega diz:
Imbernizate, engraxate,
A la mode de Paris.

Então fico a vêr navios,
N'um mar de graxa atolados,
Quando os pés dos taes freguezes
Pedem ser assim chamados.

Mas aos males tão crueis
Que sente meu coração,
Encontro meus namoricos
Por terna compensação.

Namóro toda a creoula,
Seus olhos tem attracção;
Das brancas nem mesmo a côr
Me causa mais sensação.

Que casamento feliz
Dentro em pouco irei gozar,
Indo abrir co'a creoulinha
Uma casa de engraxar!

Seremos muito felizes,
O meu coração me diz,
A ella unido p'ra sempre
A la mode de Paris.

MODINHAS

TROVADOR

(ACCUSAÇÃO)

Trovador, o que tens? o que soffres?
Porque choras com tanta afflicção?...
O teu pranto demais me compunge,
Trovador, ah! não chores mais, não!

Que se acaso a mulher que tu amas
Te tratou com acerbo rigor,
Trovador, ah! por isso não chores,
Ah! não creias, por Deus, em amor.

O amor da mulher é qual nuvem
Quando o vento a sacode no ar;
O amor da mulher é voluvel
É tão vario qual onda do mar.

O amor da mulher é qual fragil,
Pequenino, adoudado batel,
Que vaguêa sem norte — sem rumo,
'Té quebrar-se n'um fraco parcel.

O amor da mulher é qual facho
N'uma noite de inverno a luzir;
É estrella do céo, entre as nuvens,
Quando a espaços se vê transluzir.

A mulher tem o dom da belleza,
Tem maneiras de mais p'ra enlevar;
Mas, no meio de seus attractivos,
A mulher tem o dom de enganar.

Um exemplo tu tens em Helena
Que os muros de Troya abateu,
Que — infida — deixando o consorte
Para os braços do amante correu.

A mulher tem feitiço nos olhos
E nos labios veneno lethal;
A mulher nos illude chorando
E — sorrindo — nos crava o punhal.

O amor da mulher é qual rosa,
Desabrocha, mas logo fenece,
O que hoje a mulher idolátra
Ámanhã menospreza, aborrece.

Trovador, ah! esquece essa ingrata,
Não mendigues a sua affeição;
Ah! não queiras a quem te maltrata,
Trovador, ah! não chores mais, não!

DÁ-ME UM SORRISO

oesia do snr. J. J. Bernardo, e musica do snr. J. F. das Chagas

Diz-me ó bella, se me adoras,
Escuta com attenção,
Dá-me um riso de teus labios,
Consola meu coração.

Se teu affecto é voluvel,
Porque me illudes em vão?
Pede a teu anjo um punhal
E me crava o coração.

Ah! como sou infeliz,
Amar e não ser amado!
Ser pelo anjo que adoro
Pouco a pouco desprezado!

Prudencia, tu és a mãi
D'um infeliz como eu;
Já gozei horas felizes,
Meu coração já bateu.

JÁ PASSEI DIAS FELIZES

Já passei dias felizes,
Minha dita foi sem par;
Já gozei com Lilia bella
Lindas noites de luar.

A minha vida hoje é triste,
Não é vida, é um penar;
Porém eu ainda espero
Felizes dias passar.

Quantas vezes vi seu rosto
Tinto de brando carmim!
Os seus olhos, amorosos,
Não se volviam de mim.

A minha vida hoje é triste — etc.

Quantas vezes no meu collo
Dôcemente adormecia!
Quantas veses me fallava
D'amor e de sympathia!

A minha vida hoje é triste — etc.

Saudade tenho do tempo,
D'aquelle tempo passado;
Saudades, por ter perdido
O meu anjo idolatrado.

A minha vida hoje é triste — etc.

RECITATIVOS

A PENSATIVA

Qual Magdalena sobre a cruz pendida,
Vi-a embebida nos scismares seus;
Talvez pensasse nos affectos idos,
Ou ais sentidos enviasse a Deus.

Eu vi-a triste, qual marmorea imagem
Exposta á aragem d'uma noite bella;
Tendo as madeixas de côr negra — soltas —
N'ellas envoltas — virginal capella.

Vi-a tão triste, qual a rôla, quando
No ramo brando entoar vai queixas;
D'aquella alma, pela dôr magoada,
Ella — coitada — desprendia endeixas.

Tinha no rosto pallidez patente,
Era fervente seu orar de virgem;
— Talvez nas preces perguntasse a Deus
Dos males seus a primitiva origem...

Tão pensativa! e na flôr da idade!
A inf'licidade ella tem por norte;
Em vez de affectos lhe guardarem n'alma,
Deram-lhe a palma de sinistra sorte.

Busca prazeres innocentes, virgem,
Qu'essa vertigem passará veloz;
Procura o templo, e com fervor — no altar,
Vai segredar com o Senhor — a sós.

65.

Gualberto Peçanha.

OLHAR DE VIRGEM

Poesia do snr. Eduardo Villas-Boas, e musica do snr. **Raphael Coelho**

O olhar de virgem — é tão puro e lindo
Qual raio infindo de celeste luz;
Reflecte a santa candidez da alma
E a dôce calma que lh'a banha a flux.

O olhar de virgem — santamente amada,
É madrugada de gentil luar;
É a innocencia transcolando odores,
Briza que ás flôres vai frescura dar.

O olhar de virgem — é o lago ameno
Que o céo sereno retratou gentil;
É livro d'alma — que por Deus aberto
Não tem incerto um pensamento vil.

O olhar de virgem fulgurante brilha
Se ella trilha — da candura a senda;
Mas, transviada pelo amor immundo,
Quem ha no mundo que o fulgor lhe accenda?

Ninguem: que ao fogo d'esse olhar tão terno,
Foi o Eterno quem pureza deu:
Perdida ella — n'um fatal delirio,
Murcha-se o lyrio que o candor perdeu.

ROMANCE

CONFISSÃO E DESENGANO

Poesia e musica de H. A. de Mesquita. Composto em Paris pelo author, e recentemente publicado n'esta côrte

Tu ès bella, teu rosto é tão lindo
Como um astro de noite a luzir;
São teus labios a rosa entre-abrindo,
É de um anjo teu mago sorrir.

Mas que importa que sejas um nume,
Se és um'alma de affectos descrida,
Uma rosa de amor sem perfume,
Uma estatua formosa sem vida?

Tu serias de amor minha estrella,
Dos meus sonhos o puro ideal;
Fôras tu, anjo meu, menos bella,
Mas teu peito mais firme e leal!

Esses cantos de outr'ora acabaram,
Para ti minha musa findou,
Teus desprezos as cordas quebraram
D'esta lyra que a ti se votou.

LUNDÚS

EU JÁ TIVE UMA MENINA

Eu já tive uma menina
A quem amei mais que a ti;
Ausentou-se, foi-se embora,
Eu fiquei, mas não morri.

Menina traidora,
Que falta á promessa,
Não fique em lembrança,
Melhor é que esqueça.

Antes quero vêr-me
Queimado do lume,
Do que andar soffrendo
O negro ciume.

Comprei para a cuja
Um lindo retrato,
De um genio inconstante,
Voluvel, ingrato.

Gastar a gente
Os seus cabedaes,
Em fitas bonitas
E outras cousas mais;

Andar a gente
Feito gato ladrão,
Em risco de achar
Pedrada ou bordão;

Passar pela rua,
Parar na esquina,
Julgando que ouvia
A voz da menina;

Olhando p'ra lá,
Se chega á janella,
Como a noite é escura
Não sabe se é ella!

Accender o charuto
P'ra dar o signal,
E ella namorando
Outro no quintal;

Sósinho n'um canto
Com ares de tolo,
E ella com outro
Fazendo tijolo;

Estar sempre ao canto
Sósinho ou em pé,
Chocando c'os olhos
Como o jacaré;

Gostar da menina,
Dar a picholeta,
Sem ao menos poder
Fallar com a preta:

Trabalhos crueis,
Que já foram meus,
Não fallem-me n'elles
Pelo amor de Deus.

MULATINHA DO CAROÇO

Eu gosto da côr morena,
Sempre amena,
Que mimosa me arrebata;
Essa côr é da faceira,
Feiticeira,
Mulatinha que me mata.

Eu gosto dos olhos d'ella,
Quando ella
Para mim os quer volver;
Esses olhos melindrosos,
Tão formosos,
Dizem — sim — até morrer.

Não gosto da côr do lyrio,
Que delirio
Vi causar já de repente;
Nem tambem da côr nocturna,
Que da furna
O sepulchro traz patente.

Amo a côr que se colloca
Na pipoca,
Na parte que não rebenta;
Essa côr assim querida,
Conhecida
Nos bolinhos da mãi Benta.

Oh! que sim, por essa côr
De meu amor,
Me derreto, me espatifo;
Tenho febre, tenho frios,
Calefrios,
Tenho gosma, tenho typho.

Mulatinha do caroço
No pescoço,
Eis aqui o teu cambão;
Mette o ferro d'aguilhada,
Minha amada,
No teu dengue cachorrão.

Fura, fura, minha bella,
Na costella
De teu grato camapheu;
Dar-te-hei o que pudér,
Se és mulher,
Meu amor de ti nasceu.

Dar-te-hei o que quizeres,
Se fizeres
Quanto trago em minha mente...
Nos meus braços, meus cuidados
Oh! peccados!
Vai-te embora, que vem gente!...

MODINHAS

TROVADOR

(PRIMEIRA DEFEZA)

Trovador, tudo isso é verdade:
A mulher é tyranna — é cruel;
A mulher, com ternura nos olhos,
Vos embebe nos labios o fel.

Porém, vós, ó tyrannos, não vêdes
Que sois causa de todo o seu mal?
Que sem pena, sem dó, sem piedade,
Sem cessar lhe cravaes o punhal?

Podeis vós, por ventura, negar
Ser com ella em tudo tyrannos?
Vossas leis são tornal-a uma escrava,
Ou mantel-a com vossos enganos.

Podereis, por ventura, negar
Que, senhores de sua fraqueza,
Abusaes d'essa força que tendes,
Para bem rebaixar vossa presa?!...

A mulher é um ente sublime,
Porém vós não amaes as fieis;
Com o exemplo de vossos enganos
As fazeis igualmente crueis.

Não amaes, certamente, a mulher
Que, sincera, por vós dá a vida;
Abusaes d'um amor extremoso,
Com excesso amaes a infida.

Porque então fallaes, ó infames,
No geral, insultando a mulher,
Se, depois de roubar-lhe o socego,
D'ellas gozos o homem só quer?

Se a mulher, em astucia, vos vence,
Se, sensivel, por vós é pisada;
Não amaes a doçura — os excessos,
Só astucia por vós é prezada.

Quereis, inda, ó monstros, negar
Ser verdade o que digo de vós?
Que, sem pejo de serdes malvados,
Infamantes sois sempre de nós!

Se soubesseis prezar a virtude
Da mulher que vos sabe adorar,
Poderieis, então, conhecer
Que a mulher só nasceu para amar.

SE EU FÔRA DA NOITE O ASTRO FORMOSO

esia do snr. F. M. A., e musica do snr. José Rufino d'Oliveira Costa

Se eu fôra da noite o astro formoso,
Em teus lindos olhos quizera brilhar;
Teus negros cabellos soltára aos ares,
Se fôra das praias a briza a rolar.

Se eu fôra da noite o echo sentido,
Tua falla — inspirado — quizera imitar;
Se eu fôra das aves a ave mais linda,
No braço de neve iria pousar.

Se eu fôra das flôres — a flôr predilecta,
De teus meigos olhos quizera um olhar;
Se eu fôra uma pomba — ou rola innocente,
Teus dôces afagos quizera gozar.

Se eu fôra uma trova — ou verso singelo,
Em teus dôces labios quizera pousar;
Se eu fôra uma lyra de cordas douradas,
Por teus debeis dedos quizera passar.

Mas eu não sou astro, nem lyra, nem echo,
Nem ave, nem trova, nem briza do mar;
Sou homem que sente, que soffre, que geme,
Que canta na terra, o que póde amar.

ANJO

Poesia de Casimiro de Abreu, e musica do snr. Hugo Bussméyer

Eu era sombrio e triste...
Contente minh'alma é,
Eu duvidava sorrir,
E já no amar tenho fé.

Um anjo veio — e deu vida
Ao peito de amores nú,
Minh'alma, agora remida,
Adora um anjo — que és tu.

RECITATIVOS

A VIRGEM DOS MEUS SONHOS

Poesia de A. L. Ferraz Castro, e musica de ***

Nas horas tristes da mudez da noite
Eu velo, eu scismo — sem poder dormir;
Vejo — entre sombras — a gentil donzella,
Por quem meu peito sabe só sentir!

E se adormeço — nos meus sonhos passa
Sua tão linda e divinal visão!
Busco fallar-lhe, e esmoreço a medo,
E embalde intento lhe beijar a mão!

Que sina a minha! — que cruel supplicio!
Tel-a a meu lado — sem um gosto ter,
Que genio é esse que o temor me inspira,
Que em tantas dôres me fará morrer?

E quando acordo — delirante sempre —
Choro esse sonho que passou-se então,
Embora eu saiba que é mentido tudo,
Loucas insomnias de fiel paixão!

Ai! quanto soffro n'este amor que nutro!
Quanto tormento por amar sem fim!...
E quantas scismas — que crueis delirios
Não sinto sempre se passar em mim!

PERDÔA

(A ***)

Perdôa, ó virgem, se em momento louco
Calquei aos pés de tua c'rôa as flôres;
Perdôa ao joven que te amou com ancia,
Perdôa ao crente a quem só déste dôres.

Perdôa, ó anjo, o desvairar de um moço,
Que envolto em mágoa se atirou á orgia;
Perdôa ao naufrago de escrabosa senda,
Perdôa áquelle que te amára um dia.

Perdôa, archanjo, ao atrevido nauta
Que, sobre as vagas, seu batel partiu,
Perdôa ao peito do descrente moço,
Que acerbas dôres só por ti cortiu.

Perdôa, deusa — me horrorisa a morte,
E eu já me vejo do abysmo ás bordas;
Perdôa ao vate que cantou-te n'harpa,
Tendo-lhe o tempo carcomido as cordas.

Mulher, perdôa meus impuros beijos
Que sobre a face te imprimi com ancia;
Mulher perjura, me roubaste as flôres
De minha c'rôa, no sorrir da infancia.

Perdôa vibora, ao marinheiro ousado,
A quem murchaste sua verde palma;
Perdôa, e vê como eu vivo triste,
Condemna o corpo, mas perdôa á alma.

J. M. Mancebo.

ROMANCE

A VIDA

(TRES PHASES)

Poesia do snr. A. J. de Sousa, e musica do snr. A. L. Moura

MANHÃ

Ao primo alvôr
Da vida em flôr,
É tudo odôres,
Tudo primores.

O céo é puro,
Bello o futuro,
Sempre folgança,
No peito esp'rança.

É a vida um céo de amores
Matizado de mil flôres,
É um ledo paraiso
De eterno riso.

Dôce illusão,
Bafejo d'alma,
Do coração
Transpira a calma.

É a manhã
Leda e louçã
Da primavera
Que n'alma impera.

TARDE

Ao meio dia,
Sem harmonia,
Da existencia
Muda a essencia.

Não é a vida
Já tão florida,
O céo tão puro,
Ledo o futuro.

Nossa estrella empallidece,
Nosso céo se obscurece,
Nossas flôres matizadas
Tombam crestadas.

Vacilla a crença,
Duvida immensa
No coração
Sonda a razão.

Tarde da vida,
Meio descrida,
A nuvem d'ouro
Muda em agouro.

NOITE

Á noite o céo
De umbroso véo,
Traja os negrores
Cheio de horrores.

Soluça a alma
Perdida a calma;
Foge o futuro
N'um cahos escuro.

É a vida um céo de horrores
Semeado de mil dôres,
Negra copia do inferno,
De pranto eterno.

Morre o sorriso
Perdido o siso;
Da dôr no cumulo
Só resta o tumulo.

Crenças e flôres,
Perfume, amores,
Tudo se esvai
Da morte ao ai.

LUNDÚS

MENINA VOSSÊ ME DIGA

Menina vossê me diga
Para que é tão ingrata?
Se conhece os meus agrados,
Porque tanto me maltrata?

A amizade que me tinha
É possivel que perdesse?
Assim é que vossê paga?...
Quem mais faz menos merece.

Não zombe tanto de mim,
Attenda á minha expressão;
Os meus labios só exprimem
O que sente o coração.

Se seguir a maltratar-me,
Tem de vêr-me exasperar;
Eu já não posso viver
Tanto tempo a suspirar!

AS CLARINHAS E AS MORENINHAS

Babo-me todo,
Vendo mocinhas
Quer sejam claras,
Quer moreninhas.

Gosto das claras,
Fallo a verdade,
Mas não lhes tenho
Grande amizade.

Amo-as por gosto,
Brinco — namoro,
Mas, seriamente,
Não as adoro.

Jámais por claras
Sinto paixão;
Eu nunca amei-as
Do coração.

Brinco com ellas
Por divertir,
Matar o tempo,
Zombar e rir.

Mas as morenas!
Jesus! d'aquellas
Que são da gema,
Morro por ellas!

Ao vêl-as, fico
De amor acceso,
E pelo beiço
Me sinto preso.

As moreninhas
Fazem-me tolo;
Ellas me tiram
Todo o miolo.

Desmaio, chóro,
Se chego a vêl-as;
É meu destino
Morrer por ellas.

MODINHAS

TROVADOR

(SEGUNDA DEFEZA)

Trovador, eu lastimo comtigo
D'essa ingrata o insano rigor;
E do pranto que vertes — tão triste —
Eu bem vejo o cruel dissabor.

Eu detesto a mulher que no peito
Te cravára o espinho da dôr;
Ah! esquece a perjura que adoras,
Mas, por Deus! acredita em amor!

O amor da mulher é sublime,
É do céo qual lampejo divino;
É estrella brilhante e serena,
Que precede ao clarão matutino.

O amor da mulher é qual briza
Quando á tarde suspira saudosa;
É a fonte que, dôce, murmura
N'uma praia deserta — arenosa.

A mulher é um ente infeliz,
O seu fado é soffrer e amar;
Quando os homens as tornam escravas,
Inda os ferros vão meigas beijar.

A coitada, illudida, sincera,
Quiz no homem firmeza encontrar;
Não prevê que quando elle jura,
Á mulher só procura enganar.

A mulher é ludibrio da sorte
Quando é firme, constante e fiel;
Mas os homens o culto lhe rendem,
Quando é falsa, perjura e cruel.

Para exemplo tu tens essa Helena,
Que o consorte, trahindo, deixou;
Pois por ella ser falsa e perjura,
Foi que Páris tão cego ficou.

O amor da mulher é perfume
Que se exhala de niveo jasmim;
O amor da mulher é constante,
Não conhece limites nem fim.

E porque uma quebrára os seus votos,
Todas ellas perjuras não são;
No amor da mulher acredita...
Trovador, ah! não chores mais, não!

LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

Qual quebra a vaga do mar
Carcomendo as duras fragas,
Assim da saudade as vagas
O meu peito vem quebrar:
O meu destino é pensar,
Ingrata, no teu rigor;
Vê que contraste de horror:
Tu na minh'alma gravada,
Da tua mente apagada
Lembranças do nosso amor.

Se o sol desponta, eu lamento;
Se o sol se despede, eu choro;
Se a briza passa, eu imploro
Compaixão p'ra meu tormento:
Como não gozo um momento
Do somno o dôce favor,
Alta noite, com fervor,
Em ti minh'alma se inspira,
Canto ao som da minha lyra
Lembranças do nosso amor.

Mulher, a lei do meu fado
É o destino em que vivo,
Depois de ficar captivo
D'um gesto, d'um teu agrado:
Sinto meu corpo vergado
Ao peso do dissabor;
Vai-me fugindo o calor...
Ai que me matam, querida,
Saudades da nossa vida,
Lembranças do nosso amor.

O anjo da morte pousa
Na minha fronte já fria;
Vai passear algum dia
Onde meu corpo repousa:
Da sepultura — na lousa
Que ha-de abafar minha dôr —
Por piedade, por favor
Planta um goivo, uma saudade,
Signal da nossa amizade,
Lembranças do nosso amor.

A SAUDADE ME FLAGELLA

A saudade me flagella,
Mais não posso em ti fallar;
O motivo por que peno
Devo sempre em mim guardar.

Mas se a sorte melhorar
O sensivel peito meu,
Hei-de vêr-te nos meus braços,
E depois voar ao céo.

Eu adoro a uma ingrata
E não posso aborrecel-a;
É tão cruel minha estrella,
Que estou sempre a suspirar.

Mas se a sorte — etc.

Recordando que teu nome
N'um verde tronco escrevi,
Fui beijal-o, e, quasi louco,
Julguei dar um beijo em ti.

Mas se a sorte — etc.

Salvador Fabregas.

RECITATIVOS

NÃO SEI QUE SINTO

Não sei que sinto, quando junto a ti
Momentos passo de prazer immenso;
Não sei que sinto, se a teu lado gozo
Delicias puras d'um amor intenso.

Não sei que sinto, a minh'alma terna,
De dita infinda se embriaga então;
E n'essas horas, que se passam rapidas,
Esqueço dôres que pezar me dão.

Não sei que sinto, se um instante buscas
A minha mão para á tua unir;
Do encanto dôce, que me prende a ti,
Então quizera m'esquivar... fugir!

Não sei que sinto, — um tremor convulso
Me agita o corpo como o vento á flôr;
E, como ella, eu me curvo ao peso
De teus extremos e — constante amor.

Não sei que sinto, quando te não vejo,
Pena infinita me consome e rala;
Se te contemplo, meu penar olvido,
Meu peito exulta, — meu soffrer se cala.

Mas... ah! bem sei! este fogo intenso
Que o peito abraza, devorando a mente,
Estes transportes que me offuscam — são
Delirios d'alma — é um amor ardente!

Por uma joven fluminense.

A BRUMA

Bruma cinérea de invernosa vida,
Onde, pendida, vaes esquiva assim?...
Ai! não me fujas, que este céo te mente,
Que elle não sente quanto eu sinto em mim.

Queres amores tu gozar no enleio
D'um triste seio, no harpejar da dôr?...
Não corras tanto, que o tufão te cança...
Ai! da bonança no cançado ardor...

Vês no infinito qual azul se ostenta?...
Vês suarenta, meiga nuve'alli?...
O sol requeima-a: — triste sorte dura!
Fôra tão pura, como és pura aqui.

Vês tanto azul de que se tinge agora
A meiga aurora n'essa negra côr?
Vês mais a nuvem junto ao sol ainda?
Eil-a que finda no tormento a dôr.

Rouco trovão a estalar de irado,
Esse enrubado — e assustador fuzil,
Não vês, louquinha, este mentir perjuro?...
Ai! tanto escuro no teu céo de anil!...

Ai! que sumidas na procella as côres
Das tristes flôres da esperança eu vi!
Hoje só restam resequidas crenças,
Trevas immensas, minha Bruma, a ti!...

Não corras tanto, que o tufão te cança,
Ai! que a esperança te fará soffrer...
Quebra a anciedade, no parcel da vida,
Se a tens perdida — vem aqui morrer.

Julio da Gama.

LUNDÚ

ESPANTA O GRANDE PROGRESSO

Espanta o grande progresso
D'esta nossa capital,
Decresce o bem por momento,
Cresce a desgraça e o mal.
A carestia de tudo,
De grande já não tem nome,
O pobre morre de fome,
De miseria e de trabalhos.

Em bellos carros
O rico corre,
O pobre morre,
Sem que comer;
Tudo é soffrer
Para a pobreza;
Só a riqueza
Vive contente:
Mortal que vive
De seu trabalho,
Não tem um canto
Para agasalho.

Sinhá, não me peça dinheiro,
Que eu não tenho para lhe dar;
Quando não estou de guarda,
Para folga, eu vou rondar.

A carne secca tão cara!
Cada vez o preço cresce,
O monopolista á custa
Da pobreza s'enriquece.

*

Nos açougues carne podre,
Nas ruas leite com agua,
Causa dôr e causa magua
O pão de tão pequenino.

A dez tostões
Pinto gosmento,
Feijão bichento
A peso d'ouro;
Toucinho couro
E já tocado,
Café torrado
Com milho podre;
Todos os mezes,
Por alugueis,
Quatro paredes,
Trinta mil reis.

Sinhá, não me peça dinheiro,
Que eu não tenho para lhe dar;
Quando não estou de guarda,
Para folga, eu vou rondar.

Pejam as ruas mendigos,
Ha ladrões por toda a parte,
Em breve nos darão leis
A faca e o bacamarte.
Por altas horas da noite
Invadem nossos poleiros,
E nos levam, ratoneiros,
A creação dos quintaes.

'Té as torneiras
Já não escapam,
Pois tudo rapam
De um modo estranho;

Pretos do ganho
São espreitados,
Após roubados
Pelos gatunos.
Em grandes festas,
Bailes, passeios,
Sempre acham meios
De ratonar.

Sinhá, não me peça dinheiro,
Que eu não tenho çara lhe dar;
Quando não estou de guarda,
Para folga, eu vou rondar.

Feijão, milho e assucar,
Carne e peixe já cozidos
Nos vem das terra d'Europa,
Vem dos Estados-Unidos;
Em quanto o monopolista
O seu negocio equilibra,
Vendendo a pataca a libra,
Vai o pobre á carne secca.

Quatro pimentas
Por um vintem,
Só quem o tem
Póde gozar;
Quem quer comprar
Alguns limões,
Dá dous tostões
Por um sómente:
Viva quem vive,
Morra o regresso,
Viva a nação,
Viva o progresso!

Sinhá, não me peça dinheiro,
Que eu não tenho para lhe dar;
Quando não estou de guarda,
Para folga, eu vou rondar.

MODINHAS

LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR

(RESPOSTA)

Se os sentimentos de outr'ora
Inda existem no teu peito,
D'esse passado desfeito
Não posso lembrar-me agora:
Meu coração outro adora,
Hoje não tenho-te amor;
Se é fraqueza, ou se é rigor,
Perdão imploro clemente,
Não posso guardar na mente
Lembranças do nosso amor.

Este peito não é meu,
Já o dei a outro amante;
Porque buscas, inconstante,
O que não póde ser teu?
Jurei-lhe á face do céo
Amal-o com firme ardor;
Vê o contraste de horror:
De minha mente exclui,
E nem me restam de ti
Lembranças do nosso amor.

O tempo desfaz a magoa,
Destroe humana grandeza,
Da vida, gloria e riqueza
Até a esperança se apaga;
Talvez que o tempo te traga
Remedio p'ra a tua dôr;
Só eu mereço um favor:
Se inda me tens amizade,
Não conserves — por piedade —
Lembranças do nosso amor.

Não suspires e não chores,
Não me magôes est'alma,
Vai amar outra — e acalma
Teu soffrer n'estes amores;
Quando cadaver já fôres,
Não me pedes, trovador,
Que vá plantar uma flôr?...
Pois ella deve morrer,
E nunca mais ha-de ter
Lembranças do nosso amor.

SUPPLICA

(NOVA MODINHA)

'ara ser cantada pela musica da modinha — *Não te esqueças, Marilia, de mim*

Não te esqueças de mim, ó donzella,
Quando alegre gozares amores;
Não te esqueças de mim, quando triste,
Só, me vires luctando entre dôres!

Não te esqueças de mim, quando á noite
Escutares o triste descrido;
Não te esqueças de mim, quando á lua
Um suspiro escapar-me sentido.

Não te esqueças de mim, quando, ó bella,
Reclinada sonhares na ventura;
Pois que o pobre, n'um leito d'espinhos,
Liba o calix de negra amargura.

Não te esqueças de mim, quando a lua
Fôr, contente, teus labios beijar;
Vem ouvir os pungentes lamentos
De quem vive saudoso a chorar!

Não te esqueças de mim, ó meu anjo,
Que padeço sem ter mais ventura;
Corre a dar-me um sorriso dos teus,
Emanado d'ess'alma tão pura.

Não te esqueças de mim, quando ouvires
Os tangeres dos sinos da sorte;
Lembra aquelle que amou-te na vida,
Que hoje dorme no leito da morte.

Adeodato Socrates de Mello.

RECITATIVOS

ESPERANÇA MORTA

Que me importam d'harpa sonorosos canticos,
Que me importam graças, da manhã o alvor;
Que me importam olhos chammejantes, vividos,
Se não tenho crença, se não tenho amor?

Que me importam bailes em salões esplendidos,
Que me importam vozes do melhor cantor;
Que me importam galas d'este mundo fulgidas,
Se não tenho crença, se não tenho amor?

Que me importam os lares que deixei na infancia,
Que me importa o aroma da mais bella flôr;
Que me importam gozos dos meus dias placidos,
Se não tenho crença, se não tenho amor?

Que me importam labios, ou sorrisos candidos,
Que me importam faces de purpurea côr;
Que me importam phrases, ou suspiros languidos,
Se não tenho crença, se não tenho amor?

D. Maria J. Martins de Carvalho.

PENSA E PROCEDE

Pensei, quando te dei de amores flôres,
Que de tu'alma a palma obteria;
É soffrer o prazer, descrença a crença...
Meu Deus! quanto senti por ti, Maria!

Do paraiso um riso achavas, davas,
A quem no peito um leito te sagrou!
Mas hoje foge, vai-se, esvai-se o sonho
Tão lindo, infindo, que a paixão matou!

Desperto, e perto, nevoeiro inteiro
Ao pobre encobre festival porvir!
D'outr'ora, agora, o desespero austero
Renovo, provo n'um cruel sentir!

A fada amada, de cabellos bellos,
Morena, amena, no gentil fallar,
Jura, perjura, vai mentindo, rindo,
Dando, tirando traiçoeiro amar!...

Repara... pára!... Vaes caminho asinho!
Concede, cede a paz ao teu viver!
Ai! tanto encanto dá contento, augmento,
A calma d'alma que não faz soffrer!

Revive, vive nos teus passos lassos...
Mas olha — antolha-se a mortalha fria!
Então, perdão irás, contrita, afflicta,
Dos males teus a Deus pedir, Maria!

Virge', a vertige' de um tormento lento
Retira, atira a virgindade ao chão!
Pensa na crença que á menina ensina
O anjo archanjo, maternal condão.

Ainda és linda! Tão criança, lança
A vista á lista das perdidas Láis!
Nos factos gratos da materna, eterna,
Rude virtude, uma lição terás!

L. Felix.

LUNDÚ

ESTAMOS NO SECULO DAS LUZES

'Stamos no sec'lo das luzes,
Já não ha que duvidar;
Temos gaz por toda a parte
Para nos alumiar!

A, E, I, O, U,
Vamos todos aprender,
Já se ensina de repente
Sem as letras conhecer.

Temos estradas de ferro
Para mais depressa andar,
Todos hão-de correr tanto
Que por fim hão-de cançar.

Ba, be, bi, bo, bu — etc.

Já com novo calçamento
Vejo as ruas se calçar,
De fino sapato e meia
Já se póde passear.

Ça, ce, ci, ço, çu — etc.

Já se alargam as ruas,
A da Cano é a primeira,
Hoje tudo são progressos
De famosa ladroeira.

Da, de, di, do, du — etc.

Agua suja, cisco e tudo
Já se não deve ajuntar,
É só lançar-se na rua
Que as carroças vem buscar.

Fa, fe, fi, fo, fu — etc.

Já se seguram as vidas,
Já se não deve morrer,
Quem tem sua creoulinha
Não tem medo de a perder.

Ga, gue, gui go, gu — etc.

Temos agua pelos cantos,
Que sempre estão a correr,
Sujo já por falta d'agua
Ninguem mais deve morrer.

Ja, je, ji, jo, ju — etc.

Já temos grandes theatros,
E a empresa quer crescer;
Estamos n'um céo aberto,
Isto, sim — é que é viver!

La, le, li, lo lu — etc.

Quando ha fogo na cidade
S. Francisco dá o aviso,
O castello corresponde
Com tres tiros á Gabizo.

Ma, me, mi, mo, mu — etc.

Os estrangeiros se empregam
N'essa nova exploração;
Nada tendo de fortuna,
Vem ganhar um dinheirão.

Na, ne, ni, no nu — etc.

Nacionaes de bocca aberta,
Nada tendo que comer,
Como boi de canga ás costas
Caladinho até morrer.

Pa, pe, pi, po, pu — etc.

Co'a carestia dos generos
Como o pobre ha-de viver?
Com um pequeno salario
Como honrado póde ser?

Ra, re, ri, ro, ru — etc.

Os poderosos não querem
Com os pobres se importar;
O pobre cheira a defunto,
Pois só sabe importunar.

Sa, se, si, so, su — etc.

Eis o que é o paiz natal
Dos filhos que viu nascer;
Qualquer estrangeiro á tôa
Vem aqui enriquecer.

Ta, te, ti, to, tu — etc.

Já temos, por f'licidade,
Melhor colonisação;
Felizmente se acabou
A *negra* especulação.

Va, ve, vi, vo, vu — etc.

Os transportes são immensos,
Quer por terra, quer por mar;
Até se póde seguro
Já navegar pelo ar.

Xa, xe, xi, xo, xu — etc.

Emfim, ninguem póde já
Duvidar da perfeição;
Que não ha sec'lo, como este,
De maior illustração.

Za, ze, zi, zo, zu,
Já podemos aprender,
Já se ensina de repente
Sem as letras conhecer.

MODINHAS

QUANTO ÉS BELLA!...

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada pela musica da modinha—*Sonhei com mil flôres*

Amor, enraivado
Um dia se achava,
Por vêr que só d'elle
Armania zombava.

De seus attractivos
Então se esquecendo,
A setta prepara,
Mais nada prevendo.

Celeste beldade
Eis que lhe apparece...
A setta reprime,
A Venus conhece!...

« Em vós não quizera »,
Lhe diz o menino,
« Agora mostrar-me
Tão duro e ferino.

« Tomei-vos por *ella*...
Por cópia da ingrata,
Que zomba de Amor,
Que tanto o maltrata. »

J. M. Mourão.

MINH'ALMA É TRISTE

Poesia de Casimiro de Abreu, e musica de ***

Minh'alma é triste como a rôla afflicta
Que o bosque acorda desde o alvor da aurora,
E em dôce arrulho, que o soluço imita,
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as illusões perdidas,
E no seu livro de fanado gozo
Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dôr desmaia,
E seus gemidos são iguaes á queixa
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quer resuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gozos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste,
Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei por que, mas a minh'alma é triste!

VIVENDO DE TI DISTANTE

Poesia de uma nitheroyhense, e musica de J. J. Bernardes

Vivendo de ti distante
E sempre em grande afflicção,
De saudades tenho oppresso
O meu leal coração.

Se tu de mim
Não te esqueceres,
Ainda terei
Divos prazeres.

Se inda em teu peito existe
Aquella mesma paixão,
Vem, que ancioso t'espera
Um saudoso coração.

Se tu de mim
Não te esqueceres,
Hão-de ter fim
Os meus lazeres.

Juraste—eu tambem jurei
Por Deus, que então nos ouvia,
Que findaria esse amor
No fundo da campa fria.

O juramento
Não quebres—não,
Que ainda é constante
Meu coração.

GEMO NA DURA PRISÃO

Quando de Analia eu reparo
A sublime perfeição,
Cáio nos laços de amor,
Gemo na dura prisão.

De Analia vencer não posso
A menor contemplação,
Cadêas, ferros arrasto,
Gemo na dura prisão.

Se a linda Analia quizesse
Socegar meu coração...
Mas não quer, sou desgraçado,
Gemo na dura prisão.

RECITATIVOS

Á LUA

Que fazes, risonha, mirando estes mares,
Suspensa nos ares — vagando nos céos?
Quem és? que mysterio! revela o segredo,
Revela, que é cedo — se és filha de Deus!

O dôce cortejo de estrellas mimosas,
Gentis, luminosas — te seguem p'ra além!
— Expande, não temas — teus languidos raios,
E n'esses desmaios — me falla tambem!

Se fallas, conversas — conversas sósinha?
Caminha... caminha — mas diz-me o que és:
És mundo perdido no céo *purpurino,*
Ou throno divino — da Virgem aos pés?

Espera! não fujas, não fujas do dia,
Celeste magia — não cances, derrama!
Eu amo-te os meigos — os ternos palores
No laivo de amores — que o peito m'inflamma!

As flôres te adoram, que orvalhas sahindo,
Das nuvens fugindo — ligeira a brilhar,
O lago alvacento nas aguas de prata
Teu porte retrata no seu soluçar!

Os montes altivos e serras tu beijas,
A relva vicejas — do campo a morrer!
És astro de amores — vagando nos ares,
Tombando nos mares — rolando a correr!

Ah! dize, não cales, se és praga de fada,
Ou alma penada — no espaço perdida,
Ou noiva de um santo — tão alto embalada,
Ou prece sagrada — de um anjo cahida?

Se foste da terra, que sina é a tua?...
Não fujas, oh lua — não fujas do dia;
Eu conto-te os transes — e as magoas do seio,
E o férvido anceio — qu'est'alma angustía.

As paginas soltas do livro da vida
Soletra, querida — se foste da terra!
Porém, vagabunda — se foges errante,
Na luz vacillante teu manto descerra!

São horas propicias — que dôces momentos!
Aplaca os tormentos — que eu soffro comtigo!
— Espera! do vento no placido açoite,
Princeza da noite — conversa commigo!

Pelo fallecido João Rodrigues Proença.

AO SOL

Que fazes — possante — no ar dominando,
Teu fogo espalhando — por montes e valles?...
Revela quem deu-te tamanho poder,
Revela o teu sêr — revela, não cales.

O mundo se agita apenas despontas,
Apenas apontas — ao longe fulgindo;
Mil hymnos da terra ao céo se levantam
Das aves que cantam — aos ninhos fugindo.

Do prado as florinhas esperam contentes
Teus beijos ardentes, repletos de amor;
A relva mimosa, de orvalho banhada,
Espera curvada — teu dôce calor.

Em toda a natura renasce alegria,
Apenas o dia — em teu carro se mostra;
Até do deserto o selvagem feroz,
Correndo veloz — contrito se prostra.

Que mago deleite, que dôce langôr
Teu vivo calor — nos lança dos ares,
Nas horas da sésta, lá quando dominas
As verdes campinas — o leito dos mares!...

*

Então tu imperas da briza aos bafejos,
Mil loucos desejos — fazendo sonhar;
Porém — sobranceiro — ao mundo sorrindo,
Tu vaes proseguindo — no teu caminhar.

E quando completas teu giro no espaço,
E vaes no regaço — do mar t'inclinando;
Que santo mysterio! que dôce magia,
Que meiga poesia vaes tu espalhando!...

Do prado os cantores te mandam do seio,
Em dôce gorgeio, canções sonorosas;
Nas azas da briza te mandam as flôres
Suaves odores — das pet'las mimosas.

Oh sol!... quem és tu, que lá d'essa altura
A toda a natura — dás tanto esplendor?...
És rei do universo, do céo habitante,
Ou facho brilhante — nas mãos do Senhor?...

Ah!... diz-me o segredo de tua existencia,
Revela a essencia — que encerras comtigo;
Á luz de teus raios, em basta floresta,
Nas horas da sésta — *conversa commigo.*

A. J. de Sousa.

MAGOA E SAUDADE

Pallido o rosto, sobre a mão mimosa,
Vejo-a saudosa, succumbindo á dôr;
Sua alma apraz-se na agonia lenta,
Que mais lhe augmenta um desgraçado amor.

Longe, bem longe, no scismar ancioso,
Busca o ditoso, a quem outr'ora amou,
E que, sem alma, desprezando prantos,
Laços tão santos, sem pezar quebrou.

....
....
....
....

Porque, sem dó, espedaçaste os sonhos
Meigos, risonhos, de tão puro amor?
Porque trouxeste em apparencia calma,
A morte d'alma á mais *bella flôr?*

Dize-me: acaso não choraste ao vêl-a
Tão triste e bella na fatal mudez?
E sem piedade a tão leaes extremos,
Disseste: amemos, a sorrir, talvez?

Dize-me: acaso mereceste a chamma
Que ainda inflamma o seu ardente olhar?
Dize-me: acaso mereceste os prantos
E os lindos cantos de quem soube amar?

Maldito aquelle que murchou a rosa,
Pura, mimosa, de celeste alvor!
Maldito aquelle que zombou da crença
Unica, immensa, do mais santo amor!

Por um nitheroyhense.

LUNDÚ

É PENEIRA NOS OLHOS QUE TEM

As peneiras no mundo só servem
Para riso, vergonha e desdem,
E os homens os mais intruidos
Tem peneira nos olhos tambem.

Toda a moça que vai p'ra a janella
Esperar o amante que vem,
Quando a mãi vem a ser sabedora,
Tem peneira nos olhos tambem.

Toda a moça que gosta de bailes,
É porque n'isso interesse ellas tem,
Quasi sempre por estes lugares
Ha peneira nos olhos tambem.

A mamã que deixa suas filhas
Com seus primos — por homens de bem,
E depois arrependem-se e casam,
É peneira nos olhos que tem.

Certos velhos com falta de tino,
Que inda tentam casar-se mui bem,
Quando pensam que os filhos são d'elles
É peneira nos olhos que tem.

Toda a moça que cose por machina
E que julga coser muito bem,
Dando pontos de legua e meia
Tem peneira nos olhos tambem.

MODINHAS

VEM, DONZELLA, NA HORA EXTREMA

(NOVA MODINHA)

Vem, donzella, na hora extrema
Cinge ao meu teu casto seio,
E corando em mago enleio,
Vem dizer um triste adeus.

Adeus, rosa d'innocencia,
Ó virgem dos sonhos meus!

N'um sorriso teu divino
Unge o raio de esperança,
E qual astro de bonança
A minha noite illumina.

Adeus, lyrio de candura,
Adeus, fada peregrina.

Dá-me um só beijo... com elle
Mitiga da ausencia as dôres;
E bem como a aurora ás flôres,
Me orvalha o sonho amoroso.

Adeus, flôr, celeste virgem,
Minha fada, anjo formoso.

Candido José de Araujo Vianna.

A DESPEDIDA

Poesia do fallecido dr. Laurindo Rebello, e musica do snr. J. L. de Almeida Cunha

Adeus, adeus, é chegada
A hora da despedida;
Vou; que importa, se te deixo
N'este adeus a minha vida?

Foste ingrata aos meus extremos,
Não te peço gratidão;
Perdão para os meus carinhos,
Aos meus amores perdão.

Eu era um ente na terra,
Tu eras um cherubim;
Deus tirou-te dos seus anjos,
Não nasceste para mim.

Perdôa ao louco d'amor
Esta estulta elevação;
Perdão para os meus carinhos,
Aos meus amores perdão.

O crime que commetti
Foi muito punido já;
Castigou-me o teudes prezo,
Maior castigo não ha.

Castigado, reconheço
Quanto é justa a punição;
Perdão para os meus carinhos,
Aos meus amores perdão.

Pouca vida já me resta;
Eu sinto que esta amargura
Tão intensa — muito cedo
Ha-de abrir-me a sepultura.

Do crime que fiz de amar-te
Vem dar-me absolvição;
Perdão para os meus carinhos,
Aos meus amores perdão.

ALÉM DE MEUS MALES

Além de meus males
Vêr Marcia infiel,
Zombar de meus prantos,
Ser sempre cruel.

É tão caprichosa,
É tão fementida,
Não sabe essa ingrata
Que me rouba a vida!
Oh Marcia, adeus,
Eu morro, adeus.

Da sorte os caprichos
Não me tribulavam,
Quando os labios d'ella
Um riso me davam.

É tão caprichosa — etc.

E agora se uniram
A ingrata e a sorte,
Para gota a gota
Me darem a morte.

É tão caprichosa — etc.

ADEUS, MEU ANJO

Adeus, meu anjo, que eu parto,
P'ra longe de ti me ausento;
Vou soffrer saudosas dôres,
Vou passar cruel tormento.

Adora a triste saudade,
Emblema do meu amor;
Gravadas eu tenho n'alma
Seu padecer, sua dôr.

Genuino José Tavares.

RECITATIVOS

O SONHO

Eu tive um sonho em que vi — senti
Lucinda, linda, para mim partir;
E os labios bellos entr'abrindo — rindo,
Ditoso gozo demonstrar fruir.

Era seu rosto de encantos tantos,
Sereno, ameno, de morena côr;
Pedi-lhe um beijo, e n'um engano lhano,
Delirei, manchei seu juvenil pudor.

Ella, anciosa, n'esse enredo ledo
Furtivo, 'squivo um olhar lançou-me;
Julguei estar n'esse instante, ante
Estrella bella que o céo fadou-me.

Foi d'esses sonhos que a mente sente...
Dourado fado ao perpassar da vida...
Sonho que indica mil venturas puras,
Estreito preito de existencia fida.

Engano d'alma que existe triste,
Soffrendo, crendo em ideaes primores...
Illusão ficticia que n'um momento lento,
Contente sente quem sonhar amores.

Mas despertando do risonho sonho,
Lucinda, linda, jámais pude achar!
Não pude vêl-a! mas... embora... agora
Desperto certo de que a devo amar.

Ricardo Francisco de Almeida.

A NEBULOSA

Poesia do snr. Tito Livio, e musica do snr. José de Sousa e Aragão

Já lêstes a *Nebulosa*
Do fluminense cantor?
Não vistes a peregrina
Que matou ao trovador?!

Assim, mulher, tu me matas
Com teus desprezos sem fim;
Não tenhas tal isenção,
Meu anjo, tem dó de mim.

A flôr de minha esperança
Assim tu queres murchar?
Não te commove meu pranto,
Inda queres me matar?

Queres que faça em pedaços
A minha lyra querida,
Que te diga eterno adeus,
Ao depois termine a vida?

Que eu morra porque te amo,
Não consintas, lindo archanjo;
Mulher, acolhe os meus ais,
Tem pena de mim, meu anjo.

CANÇÃO

O MARUJO

Triste vida a do marujo,
Qual d'ellas a mais cançada,
Por 'mor da triste soldada
Passa tormentos.

Andar á chuva e aos ventos,
Quer de verão, quer de inverno,
Que parece o proprio inferno,
Com tempestades.

As nossas necessidades
Nos forçam a navegar,
E passar tempos no mar
Em aguaceiros.

Passam-se dias inteiros
Sem se poder cozinhar,
Nem tão pouco mal assar
Nossa comida.

Arrenego eu d'esta vida
Que nos dá tanta canceira;
Sem a nossa bebedeira
Não, não passamos.

Quando descançados 'stamos
No rancho a socegar,
Então ouvimos gritar:
— Oh! leva arriba!

LUNDÚ

O BANQUEIRO

Musica do snr. J. L. de Almeida Cunha

O diabo da menina
Commigo se enrabichou
De tal modo, que por mim
Um banqueiro abandonou.

Dava-lhe o rico banqueiro
Seiscentos mil reis mensaes,
Eu por dia dou-lhe cinco,
A menina pede mais.

Pede mais, mas não me deixa,
Gosta mais do meu dinheiro,
Acha mais gosto nas minhas
Que nas notas do banqueiro.

Trata as minhas com apreço,
Trata as d'elle com desdem;
Eu não sei, ella é quem sabe
As minhas que gosto tem.

O banqueiro é um labrego,
Grosseiro por natureza,
Talvez que as notas nem saiba
Dar-lhe com delicadeza.

Elle dá notas mensaes,
Eu dou as minhas por dia
Com toda a delicadeza,
Com toda a diplomacia.

Ás vezes eu dou-lhe as notas
Com geitos e modos taes,
Que em suspiros, dá-me em troca
Ternas notas musicaes.

Feito o troco, diz tomando
A bolsa do meu dinheiro:
Quem é que troca esta bolsa
Pelo banco de um banqueiro?

MODINHAS

SE ÉS ANJO NO GESTO E BELLEZA

Musica do snr. José Leite

Se és anjo no gesto e belleza,
Tens no peito de fera o rigor!...
Ai! não temo teus feios enganos!
Já não sinto por ti terno amor!

Desfolharam a flôr de meus dias,
Como o vento desfolha uma flôr!
Não quizeste que a flôr fosse minha,
Já não sinto por ti terno amor!...

De teus olhos n'um terno desmaio
Vi escripta a traição e furor!...
Enganava-me a luz de teus olhos,
Já não sinto por ti terno amor!...

Desfolharam a flôr de meus dias — etc.

NAS HORAS QUE PASSO TÃO TRISTE

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *O descrido*

Nas horas que passo tão triste
Bem recordo meus dôces amores,
Esses sonhos dourados de outr'ora,
Esses prados cobertos de flôres;

Esses tempos tão bellos, tão puros,
De floridas manhãs de arrebol,
Onde eu, em palmares virentes,
Não sentia os ardores do sol;

Esses tempos... não quero lembrar-me!
Morre o riso nos campos da dôr;
Soffre o peito, de magoa tranzido,
Ao lembrar-me da quadra de amor.

Da saudade o abutre voraz
É só hoje meu dôce prazer...
A pensar só nos dias de outr'ora,
Eu só peço, — só quero morrer!

Corra em faces doridas o pranto
Da tristeza cruel a mim dado;
Finde o calix das fezes amargas
Junto sempre do meu negro fado.

Tudo é findo p'ra mim, só as gotas
D'esse pranto que corre-me forte
Faz qu'eu triste — de tudo esquecido,
Queira, rindo, abraçar-me co'a morte.

Adeodato Socrates de Mello.

ROSEAS FLÔRES D'ALVORADA

Roseas flôres d'alvorada,
Teus perfumes causam dôr;
Essa imagem que recordas
E' meu puro e santo amor.

Ai! quem respira
Os teus odores,
Fenece triste,
Morre de amores.

Não póde gozar venturas
Quem de amor soffre afflicção,
Não póde, afeito aos gemidos,
Ter prazer meu coração.

Ai! quem respira — etc.

Sem os sonhos de ventura
Murchou-se a flôr do desejo;
Que m'importam outras flôres,
Se a minha bella eu não vejo.

Ai! quem respira — etc.

Deixai que eu viva de penas,
De saudade e de lembrança,
Já que sequer me não resta
Nem uma só esperança.

Ai! quem respira
Os teus odores,
Fenece triste,
Morre de amores.

MARILIA, ESCUTA

Marilia, escuta,
Ouve os queixumes,
Não ha quem ame
Sem ter ciumes.

Marilia, escuta
Meu coração,
Tem dó, tem pena
D'esta afflicção.

Ouve, Marilia,
Dá-me um rival;
Crava em meu peito
Duro punhal.

Dá-me, ó Marilia,
Teu coração,
Ou dá-me a morte
Com tua mão.

O desgraçado
Suspira e chora,
E delirante
Amor te implora.

RECITATIVOS

Á LUA

Astro divino, que rompendo as trevas
O mundo inundas de esplendor brilhante;
Virtude acordas, e a crença elevas
Ao mortal triste que vagueia errante.

Se longas horas te contempla attento
Ó ente triste, de soffrer cançado;
Seu mal esquece, e um novo alento
Sente no peito, pela dôr magoado.

Na soidão da noite, se um scismar ardente
Abysma o homem que, pensando — vela;
Teus brandos raios dão-lhe calma á mente,
Que se extasia de te vêr tão bella.

Fogo sagrado, teu celeste encanto
No mundo impera com poder immenso;
Só tu inspiras o amor mais santo,
Paixão sublime d'um affecto intenso.

Teu dôce brilho que no ar fulgura,
E' qual anjinho a doudejar sereno;
Tranquillo corre, sua idéa é pura...
Assim tu corres pelo céo ameno.

Astro divino, que rompendo as trevas
O mundo inundas de esplendor brilhante:
Ás almas puras que na terra enlevas
Meigo illumina, dá-lhe luz constante.

Por uma joven fluminense.

O VAGO

Não tenho *bago* no meu bolso — é facto:
O meu sapato já roido é todo;
Ando calçado, mas dos pés os dedos
Lêem segredos que só ha no lodo.

Os cotovêlos da casaca usada,
Uma risada tambem dão, se encolho
Qualquer dos braços, p'ra chamar alguem
Que vejo além a me piscar o olho.

*

A minha calça, nos seus dous joelhos
Tem espelhos p'ra mirar-se o home'
Que só procura pervertidos guias,
E nas orgias seu viver consome.

Chapéo não tenho, a *cachola* minha,
Ai! coitadinha! trago sempre núa;
Os meus cabellos (meu prazer!), coitados,
Arripiados, pavor tem da lua.

Minha camisa, que tambem foi nova,
Que grande sova tem levado — sei;
Porém não lembro se á lavadeira,
Ou á caseira p'ra lavar eu dei.

As minhas meias, se alguem as visse,
Talvez sentisse... (mas são meias finas)
...Porque exhalam (sem ser lisonjeiro)
O *bello* cheiro de um *frescal* de Minas.

E no entanto, que namôro ás bellas
Que p'las janellas — ao passar eu vejo!
Algumas deixam escapar o riso,
Que de improviso fugir deixa o pejo.

E assim vivo — ora rio e canto,
Se a tanto chega meu prazer no dia;
Tambem ás vezes amanheço *ardido,*
Se hei dormido com cruel azia.

Se acaso peço com voz supplicante
A um passante, — pouca cousa —um *bago;*
O *tal* me lança um olhar feroz,
Muda de voz e me diz: sahe — *vago.*

Me chamam vago, *et cætera* e tal,
'Té animal dizem já qu'eu sou;
Pouco me importa qu'elles vão fallando,
Mesmo vagando — bem vivendo vou.

Gualberto Peçanha.

ROMANCE

AMOR DE MÃI

Musica do snr. Elias Alves Lobo

Sob as azas plumosas da rôla
O filhinho piando se acolhe,
Como em seio de mãi carinhosa
Terno infante mil beijos recolhe.

Sabe a rôla, arroubada de affecto,
O seu filho contente afagar;
E a mãi, com extremo e enlevo,
Dôce somno d'infancia embalar.

Nossa mãi é o anjo inspirado
Que na dôr ou prazer resplandece;
Tudo acaba e destrõe-se na vida,
Só de mãi o amor não fenece.

Se elle chora, ella chora com elle,
Se elle ri, ella exulta tambem;
Nossa mãi é um anjo sublime,
Outro igual este mundo não tem.

Póde o crime manchar a existencia
D'um seu filho nos seios criado;
A mãi terna lamenta a desgraça,
Mas não deixa seu filho isolado.

Nossa mãi é um anjo inspirado,
Que na dôr ou prazer resplandece;
Tudo acaba e destróe-se na vida,
Só de mãi o amor não fenece.

LUNDÚ

A CÔR MORENA

(NOVO LUNDÚ)

Resposta ao lundú do mesmo titulo publicado no n.º 1 do TROVADOR por uma joven fluminense. Para ser cantado pela musica do lundú — *Mulatinha do caroço.*

Eu bem sei que é delicada,
Apreciada,
Da morena a viva côr;
Eu por ella tambem sinto,
E não minto,
O mais puro e santo amor.

E' a côr mais delicada,
Enfeitiçada,
Que captiva o coração;
Eu por ella sinto n'alma
Dôce calma
Da mais ardente paixão.

E' mimosa, engraçadinha
 A moreninha,
Me seduz a todo instante;
Puro amor eu lhe jurei,
 Viverei,
Qual leal e fido amante.

Eu serei, e hei-de ser,
 Até morrer,
Da morena bem constante;
Só o fado, a negra sorte,
 Só a morte
Me fará ser inconstante.

Eu gosto da moreninha,
 Firmezinha,
Bem sincera e bem bondosa;
Não é só a linda côr,
 Meu amor,
Que a faz ser assim mimosa.

Eu aposto ser a côr,
 Meu amor,
Que mais agrados inspira;
É por ella que os cantores,
 Trovadores,
As cordas vibram da lyra.

Adeodato Socrates de Mello.

MODINHAS

A VIRGEM DO MEU AMOR

(NOVA MODINHA)

Para ser cantada na musica da modinha — *Rôxa saudade*

Quando te vejo,
Mimosa flôr,
Louco — por ti
Morro de amor.

Um teu sorriso
E' meu viver;
Longe de ti
Vivo a soffrer.

Tuas madeixas,
De negra côr,
Me ateiam n'alma
Voraz amor.

Olhinhos ternos,
Tão seductores,
São pyrilampos
Por entre as flôres.

Tu és, ó virgem,
O meu condão;
Trago-te sempre
No coração.

Aceita as provas
Do teu cantor,
Que só em vêr-te
Morre de amor.

Adeodato Socrates de Mello.

QUE QUERES MAIS?

Poesia do fallecido dr. Laurindo Rebello, e musica do snr. J. L. de A. Cunha

Que mais desejas?
Tudo te dei,
De tudo, em troca
Nada alcancei.

Dei-te meu peito
Em pranto e ais;
Dei-te minh'alma,
Que queres mais?

Juraste eterna
Fidelidade:
Seguiu-se á jura
A falsidade.

Em toda a parte
Vejo rivaes;
A fé perdi-te,
Não creio mais.

Se não me queres,
Se não me adoras,
Quando me queixo
Que tens, que choras?

Ah! não me prendas
No pranto teu;
Não quero um pranto
Que não é meu.

Mas ah, perdôa...
Foi illusão;
Dos meus transportes
Tem compaixão.

Perdôa! esquece
O meu rigor;
Não fere offensa
Que vem de amor.

QUANDO NO TUMULO

Quando no tumulo
Dormires um dia
Da morte o somno,
Na lousa fria;

Ouvirão meu pó,
Gemer e carpir,
Se o nome da bella
Alguem proferir.

Será indelevel
A minha ternura;
Jurei adoral-a
'Té na sepultura.

Porém se primeiro
Morreres, Armia,
Regará meu pranto
Tua lousa fria.

Se guardas constancia,
Amor e fé pura,
Serei sempre teu,
'Té na sepultura.

Nos rogos e preces,
Na dôr e gemido,
De Armia o nome
Será proferido.

A DESCRENTE

Foi ditosa e feliz minha infancia
Toda cheia de crença e de amor,
O porvir qu'eu amava com ancia,
Que mais tarde devia transpôr.

Quão mentida me foi a esperança!
Muito cedo perdi a illusão!
Ai de mim, que inda sendo criança,
Vi morrer este meu coração!

E morrer sem gozar um instante
O porvir que no berço sonhei!...
Inda moça, e do crime distante,
Bem depressa no crime acordei.

Acordei... quiz voltar... era tarde...
Já não pude á desgraça fugir!
Só me resta hoje triste e cobarde,
O meu negro destino carpir.

Essa crença de amores que eu tive,
Ai! p'ra sempre, p'ra sempre perdi;
Em vez d'ella o cynismo revive
Junto ao fel qu'inda moça bebi.

Que m'importa que nada me reste
D'essa idade de crença e prazer;
Que m'importa que o mundo deteste
Este pranto que a dôr faz verter?...

Que m'importa a indiff'rença do mundo,
Se p'ra o mundo indiff'rente já sou?...
De meu crime o remorso profundo
Já a esperança e a fé me roubou!

Só me resta o socego da campa
Onde em breve eu irei repousar!
Esta nodoa, que o crime m'estampa,
Só co'a morte eu a posso apagar.

D. Josephina Pitanga.

RECITATIVOS

SAUDADE

Era mentira quando o seio ardente
Inda tremente sobre o meu senti!
Oh! que loucura n'esse vão desejo,
N'aquelle beijo que ao te dar morri!

Lembra-me ainda o clarear da lua
Quando na tua minha mão tremeu;
Inda imagino teu vestido aereo
N'esse mysterio que me enlouqueceu.

Humida nuvem de uma luz saudosa
A face rosa te cobriu... passou;
Como de orvalho esse véo nitente
Que o lyrio algente de pudor curvou.

Oh! que alegrias, nos jardins, nas salas,
As dôces fallas de te ouvir sonhei!
Entre as roseiras, do luar queridas,
Hoje esquecidas a memoria achei.

Ficou-me apenas n'esta curta idade
Murcha saudade do sonhar fagueiro:
E' flôr que exprime, quando passas linda,
A vida finda do amor primeiro.

S. Paulo, 185..

Conselheiro J. Bonifacio.

ENLEVO

Á meia noite, silenciosa a terra,
Eu quero a vida reviver comtigo;
Nova existencia de dourado enleio
De amor ditosa, vem sonhar commigo.

Sobre o meu peito enrubecida, anciosa
Eu quero vêr-te de meus — ais — rendida,
De amor captiva, perfumados beijos
Minh'alma triste colherá na vida.

E tu em gozos de um sentir profundo
Caricias ternas, meu amor fruindo,
Sempre a meu lado, divinaes prazeres,
Celestes sonhos, gozarás sorrindo.

Assim da vida as esmaltadas flôres
De nossas almas nascerão formosas;
Aereo mundo habitaremos ambos,
Amante imperio, que existir de rosas!

E então comtigo, em anhelante abraço
Vendo-te bella, a palpitar tremendo,
Sobre o teu collo de volupia cheio
Quero o meu rosto reclinar morrendo.

F. J. Bettencourt da Silva.

ROMANCE

BEM TE VI

Poesia do snr. Bettencourt Sampaio, e musica do snr. E. Alvares Lobo.

Debaixo d'este arvoredo
Para te olhar me escondi,
Tu passavas em segredo,
Cantei baixinho com medo:
(Imitando o passaro)
Bem te vi.

Quiz dizer-te, atraz correndo,
Morro de amores por ti;
Mas não sei porque tremendo
Fiquei parado dizendo:
(Imitando o passaro)
Bem te vi.

Junto a fonte crystallina
Scismando chegaste alli;
Sopra a briza a casualina
Dôce nome Cipladina:
(Imitando o passaro)
Bem te vi.

E tu voltaste cantando!
Que voz tão meiga que ouvi;
Fui então te acompanhando,
Foste andando,
(Imitando o passaro)
Bem te vi.

BARCAROLA

BARCA BELLA

Pescador da barca Bella,
Onde vaes pescar com ella,
Que é tão bella,
Ó pescador?

Não vês que a ultima estrella
No céo nublado se vela?
Colhe a vela,
Ó pescador!

Pescador da barca Bella,
Inda é tempo, foge d'ella;
Foge d'ella,
Ó pescador!

Não se enrede a rêde n'ella,
Que perdido é o remo e vela
Só de vêl-a,
Ó pescador!

Deita o lanço com cautela
Que a serêa canta bella,
Mas cautela,
Ó pescador!

LUNDÚS

COMTIGO SÓ POSSO EU

(NOVO LUNDÚ)

Para ser cantado pela musica do lundú—*Eu posso com mais alguem*

Porque duvídas de mim?
D'um amor que é todo teu?
Apre lá, com teus ciumes!
Comtigo só posso eu.

Quem tão pouca confiança
Na cabeça te metteu?
Teus amúos não mereço,
Comtigo só posso eu.

Taes duvidas mortificam
O sincero peito meu;
Só eu posso supportar-te,
Comtigo só posso eu.

Diz-me pois, meu amuado,
Esse zelos, quem t'os deu?...
Taes ciumes são denguices,
Comtigo só posso eu.

Confia, meu bem, em mim,
N'um peito que é todo teu;
Amor, ternura e constancia,
Quem te consagra—sou eu.

Por uma joven fluminense.

LÁ NO LARGO DA SÉ

Lá no largo da Sé Velha
'Stá vivo um longo tútú
N'uma gaiola de ferro,
Chamado surucúcú.

Cobra feroz
Que tudo ataca;
'Té d'algibeira
Tira a pataca.

Bravo! da especulação
São progressos da nação.

Elephantes beberrões,
Cavallos em rodopios,
N'um curro perto d'Ajuda
Com macacos e bugios.

Tudo se vê,
Misericordia!
Só por dinheiro
Ha tal mixordia.

Bravo! da especulação — etc.

Garatujas mal cortadas,
Cosmoramas triplicados,
Fazem vêrmos toda a Europa
Por vidrinhos mal pintados.

Roma, Veneza,
Londres, Paris,
Tudo se chega
Ao nosso nariz.

Bravo! da especulação — etc.

Os estrangeiros dão bailes
P'ra regalar o Brazil;
Mas a rua do Ouvidor
E' de dinheiro um funil.

Lindas modinhas
Vindas de França,
Nossos vintens
Lá vão na dança.

Bravo! da especulação — etc.

Agua em pedra vem do norte
P'ra sorvetes fabricar;
De que nos serve os cobrinhos
Sem a gente refrescar?

A pitanguinha
Cajú, cajá,
Na guela fazem
Taratatá!

Bravo! da especulação — etc.

Candido Ignacio da Silva.

MODINHAS

VIRGEM SANTA

em santa e meiga a quem eu amo
do que se ama a vida, a patria, os céos;
a que em teu collo eu deite a fronte,
na e sonhe com os amores meus.

*

Assim quero gozar tranquillo somno,
Sonhar comtigo e te abraçar sonhando;
Tuas mãos sentir unidas ás minhas,
Um beijo teu, um beijo meu de quando em quando.

Bella virgem de amor, meu sêr conforta,
Tu és a flôr que me embriagas com perfume;
Quero vêr-me feliz, no céo julgar-me,
Ter esperança, ter fé, não mais ciume.

Escuta, ó virgem minha — quando á noite,
Nas horas do silencio e do pranto,
Surgir a lua clareando os montes,
Recorda-te de mim, que te amo tanto.

SICILIANA

Musica de João Baptista Cimbres

Nas horas da tarde rubentes do outono,
O dôce susurro da lympha fugaz
Desperta em meu peito saudade voraz
De quem, bem o sabes, meu anjo — de ti.

Quem sabe se ainda te lembras de mim
Que trago indelevel, na mente gravada,
A tua imagem de tanto fulgor,
Teus olhos brilhantes, a face rosada.

No brilho dos raios do astro da noite,
No lindo horisonte em noite estrellada;
A luz que scintilla não é comparada
Áquella que brilha em teu casto semblante.

Mas ah! que bem penso, é triste pensar!
Não sei o motivo porque a natureza,
A tantos encantos, enlevos, belleza,
Um coração firme deixou de ceder-te.

NASCE RISONHA A AURORA

Poesia de M. P. de Ulhôa Cintra, e musica de Francisco de Salles Couto

Nasce risonha a aurora,
Para todos ha prazer;
Só eu triste, desgraçado,
Vivo sempre a padecer.

Canta o terno passarinho,
Vejo o campo florescer;
Para mim não ha ventura,
Vivo sempre a padecer.

SE A ESPERANÇA JÁ NÃO TENHO

Poesia de M. P. de Ulhôa Cintra, e musica de Francisco de Salles Couto

Se a esperança já não tenho,
Para que, ó céos, viver?
Se Lisia de mim s'esquece,
Meu allivio é só morrer.

Como é cruel
A sorte dura,
Que me condemna
Á sepultura!

O céo castigue
O teu rigor,
Já que desprezas
Meu terno amor.

A VIDA E A MORTE

Olha, Marcia, aquelles campos
De sepulchros alinhados;
Alli dormirão bem cedo
Os meus ossos descarnados.

Suspende o pranto de amor,
Não chores, prenda querida,
Porque a morte nos liberta
Das desgraças d'esta vida.

Qual amamos sobre a terra,
— Já da vida roto véo —
Co'o mesmo extremo se póde
Tambem amar lá no céo.

Suspende o pranto de amor — etc.

Noronha.

RECITATIVOS

VENUS

Vem, minha estrella, que te espero ancioso,
Astro garboso a irradiar no céo;
Vem, rutilante, a desparzir venturas,
Lá nas alturas a fulgir sem véo.

Amo-te ao vêr-te, encantadora e bella,
Ó minha estrella, corpo que seduz;
Contemplativo olho-te, mimosa,
Qual mariposa que procura a luz.

Venus esbelta que no espaço infindo,
De aspecto lindo vens amor saudar;
Oh! como ao vêr-te tão feliz me sinto,
Quando presinto tua luz brilhar!

Ignea faisca, que minh'alma inflamma
Com esta chamma magnetisadora;
No azul celeste quando te namoro
De prazer choro, minha seductora.

Tu és a imagem do objecto amado,
Que captivado tem minh'alma afflicta...
Parece, ao vêr-te, que a meu seio aperto
Seu corpo esbelto, de belleza infinita.

Seu lindo rosto, sua tez mimosa,
Bocca graciosa de um gentil sorrir;
Negros cabellos, elegante porte,
Que n'um transporte faz amor sentir.

Terno carinho que de amor captiva,
Que ao ente priva ao coração da calma;
Quem póde vêl-a sem sentir d'amores
Suaves dôres que nos pungem n'alma?

Groseb.

RECORDAÇÃO

Triste lembrança de um passado ameno,
Que tão sereno me sorria outr'ora;
A vida era para mim delicias...
Essas caricias — almejava agora...

Mas hoje, dura me tem sido a sorte,
Porém seu norte seguirei ao fim;
Suspiros tristes, magoados prantos,
São os encantos de um viver assim.

Se da vida os gozos desfrutar podéra,
Então quizera te offertar um canto;
Os tristes ais se tornariam beijos,
Loucos desejos que almejava tanto.

Não póde o tempo despertar n'est'alma
A dôce calma de um viver de flôres;
Não póde o tempo apagar da mente
Aquelle ente que me deu amores.

Se um dia a vida me offertar venturas,
Gozos, ternuras, sem cruentas dôres;
Serei feliz, despertará n'est'alma
A dôce calma de um viver de amores.

Porém se a sorte não quizer poupar-me,
E offertar-me em vez de gozos — dôres,
Co'a fronte baixa, entregarei meus braços
Aos dôces laços da prisão de amores.

CANÇÃO

O AMOR PERFEITO

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

És um discurso eloquente,
Mimosa flôr!
Tu promettes mudamente
Perfeito amor.

Por ti, sem que ella m'o diga,
Deve suppôr
Que a ter-me sempre se obriga
Perfeito amor.

Teu nome, que tanto exprime,
Augmenta o ardor
Do meu eterno e sublime
Perfeito amor.

Eu grato e amante te aceito
Como um penhor
De que ha por mim em seu peito
Perfeito amor.

ROMANCES

A FLÔR «SAUDADE»

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, e musica do sr
Raphael Coelho

Saudade, terna saudade,
Flôr tão triste e tão mimosa;
Tu és a imagem dest'alma,
Dest'alma de amor anciosa.

Tua fórma e côr retratam
Meu coração magoado;
Teu nome o affecto exprime
Em que aqui vivo engolfado.

Linda mão roubou-te o vaso
Do qual eras ornamento;
Mas vens morar em meu peito,
Vens acalmar meu tormento.

O que me dizes tão terna
É um dôce lenitivo
Para as ancias de minh'alma,
Na solidão em que vivo.

EU VI O ANJO DA MORTE

Poesia do snr. dr. A. J. de Araujo, e musica do snr. Elias Alvares Lobo

Eu vi o anjo da morte
Ferir minha mãi querida;
Eu tambem morri com ella,
Vivia com sua vida.

Vi morrer depois meu filho,
Metade de meu viver;
A esposa, uma filha mais,
Senti-me inteiro morrer.

Não é vida a vida morta,
Nem a sombra é realidade;
Busco em vão a minha vida
Na minha morta metade.

LUNDÚ

EU POSSO COM MAIS ALGUEM

É falso, meu bem, quem diz
Que uma só me quer bem;
Eu tenho quatro amantes
E posso com mais alguem.

Tenho uma que me é dôce,
Tenho outra que me quer bem;
Eu amo a uma e a outra
E posso com mais alguem.

Ao templo de amor jurei
Não amar a mais ninguem;
Mas o amor a amar me obriga
E posso com mais alguem.

Se por falso ou inconstante
Alguma d'ellas me tem,
Eu as convenço o contrario,
E posso com mais alguem.

Ellas amam como eu amo
A mil amantes tambem;
Ellas dizem como eu digo
E posso com mais alguem.

MODINHAS

UMA CHAGA ME ABRISTE NO PEITO

Musica de J. S. Arvellos

Uma chaga me abriste no peito
Que jámais não se póde curar;
E coitado de mim, sem ventura,
Sinto a vida querer-se findar.

Foste louca em me dar juramento
Que jámais tu podias cumprir;
Foi tormento que tu me engendraste
Para agora eu viver a carpir.

Eu tão credulo, pensando commigo
Que era amado por ti, bella ingrata,
Só achei p'ra meu mal um tormento
Que enlouquece, que fere, que mata.

O DESCRIDO

Que m'importam prazeres da terra,
D'esses raios o louco furor;
Que m'importa o rugir da tormenta,
D'essas vagas faiscas de horror?

Que m'importa que o mundo se acabe,
Que na terra só eu fique rei;
Que m'importa, se o mundo eu detesto,
Se desprezo e rancor lhe votei?

Venha embora coriscos e raios
Roubar dôce esperança de amor,
Que este peito de marmore e gelo
Só tem fé no tormento e na dôr.

Tive fé, muita fé, n'esta vida,
Crenças mil n'este meu coração;
Mas qu'importa se seccas, mirrhadas,
Eil-as todas perdidas no chão?

Já não tenho uma esp'rança n'est'alma
Que o cynismo varou-me de fel;
Além sim, que só podem caveiras,
N'esta fronte cingir um laurel.

Eia, ávante, meu peito, eia, ávante,
Solta um brado de terno estampido;
Que soando, soando nos ares,
Lá repita bradando — DESCRIDO.

NOSSA MÃI

Nossa mãi, dom celeste, precioso,
É um anjo piedoso
Dos céos á terra mandado
Para ter de nós cuidado:
Quando a primeira luz
Sobre nossos olhos desce,
Quem comnosco ri e folga,
Quem comnosco se entristece?
Nossa mãi!

Nossa mãi boa ou má, sempre nos ama,
Traz-nos no seu coração;
Não ha amor nem amizade
Que iguale á sua affeição:
Quando no termo da vida
A morte já nos espera
Com a sua fouce erguida,
Quem por nós morrer quizera?
Nossa mãi!

Francisco Antonio de Carvalho.

RECITATIVO

FLÔRES D'ALMA

As flôres d'alma que se alteiam bellas,
Puras, singelas, orvalhadas, vivas,
Teem mais aromas, e são mais formosas
Que as pobres rosas, n'um jardim captivas.

Sol bemfazejo lhes aquece a rama,
Lucida chamma, sem ardor que mata;
Banham-lhe as hastes, retratando as frontes,
Limpidas fontes em ramaes de prata.

Que amenidade! nos vergeis suaves,
Cantam as aves, sem cessar, amores;
Se ha céo na terra, se ventura ha n'ella,
D'alma singela se achará nas flôres.

Filhas das crenças, como as crenças puras,
De mil venturas mensageiras bellas,
Se o vento um dia lhes soprar e as córte,
Deus! — dá-me a sorte de morrer com ellas.

Ao ermo embora, a divagar sósinho,
Corra o mesquinho, por amor trahido,
Quando o remorso lhe não turbe a calma,
Nas flôres d'alma encontrará olvido.

Naufrago lasso a sossobrar nas vagas,
Sem vêr as plagas em que almeja um porto,
Embora o matem cruciantas dôres,
D'alma nas flôres achará conforto.

O pobre monge, que, de pé descalço,
D'um mundo falso os areaes percorre,
Quando lhe entregam do martyrio a palma,
Ás flôres d'alma se encommenda, e morre.

BARCAROLA

A BORDA DO MAR

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves de Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

De noite, o véo cinzento
Envolve a natureza,
E cobre de tristeza
O céo, a terra, e o mar.

. . . .

Ligeira barca ao longe
Apenas se annuncia
No trilho de ardentia
Que deixa em seu passar.

Ouço bater o remo
Monótono e pausado,
É o canto do coitado
Que alli vai a remar.

Da briza nas refregas
Que vem aos meus ouvidos
Em echos repetidos
Amor! — ouço exclamar.

. . . .

E como solitario
É triste este lamento
Ao susurrar do vento
Nas ondas, e ao luar!

E eu, que aqui sósinho
Escuto o mesmo canto,
Reter não posso o pranto
Que sinto borbulhar.

É que essa voz chorosa
Que sôa sobre as aguas
As minhas proprias maguas
Parece relatar.

Como este peito anciado
O mesmo affecto exprimo;
E gemo, e me lastimo
No meu vago scismar.

....

ROMANCE

A TRISTEZA

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Porque o céo de repente
Perdeu a sua belleza?
D'onde vem esta tristeza
Que me envolve o coração?

Como o pano mortuario
Que sobre o tumulo s'estende
Ou como a nuvem que pende
Pejada de atro bulcão;

Eu não sei, oh minha amada,
Eu não sei porque suspiro;
Não sei mesmo se deliro
No meu excessivo amor.

Mas agora estou tão triste
Como o misero proscripto,
Duvidoso, incerto e afflicto,
Do seu destino no horror.

Temendo assim me definho
Como o arbusto sequioso,
Exposto ao sol rigoroso
Que morre sem florescer.

Falla, minha amada, falla!
De tua voz á magia
Renasce minha alegria,
Extingue-se o meu soffrer.

LUNDÚ

ESTES MOCINHOS D'AGORA

Estes mocinhos d'agora
Já não sabem mais amar;
Fàzem tudo quanto podem
Para as moças enganar.

Bandoleiros, inconstantes,
Só querem pagodear;
Namoram a todas ellas
Para o seu tempo passar.

Estes mocinhos d'agora
Só desejam 'specular;
Procuram só moças ricas
Para má vida lhes dar.

Estes mocinhos d'agora
Sentimentos já não tem;
Fazem mil promessas falsas,
Dizendo que querem bem.

Estes mocinhos d'agora
Só nos querem enganar;
Façamos nós outro tanto,
Para taboa a todos dar.

Estes mocinhos d'agora
O seu prazer é mentir;
Fingem tudo quanto podem
Para melhor conseguir.

Estes mocinhos d'agora
A vergonha já perderam;
Da ronha e da maldade
Muito succo já beberam.

Estes mocinhos d'agora
Não merecem compaixão;
Entes são mui abjectos,
Devem ir p'ra a correcção.

---

*

MODINHAS

SE DISFARÇO QUANTO SINTO

Se disfarço quanto sinto
O teu cruel proceder,
É justo que tu conheças
Quanto me custa soffrer.

N'alma se accende
Odio e vinganças;
Tornam-se amargas
As esperanças.

N'esta afflicção,
Nem mesmo amor
Dá lenitivo
Á minha dôr.

Mas se conheces
O que é paixão,
Não mais afflijas
Meu coração.

Foste perjura,
Foste cruel;
Quebraste a jura,
Foste infiel.

PORQUE SOU TRISTE

(NOVA MODINHA)

ıra ser cantada na musica da modinha — *Quando eu morrer ninguem chore a minha morte*

Oh! queres tu saber porque sou triste,
Porque vivo em constante soluçar!?
É porque na minh'alma um sentimento
Na desgraça cruel faz-me pensar.

É porque n'esta vida o desengano
De tudo quanto existe, em mim pousou;
E a descrença gelada e positiva
Negro leito em minh'alma já formou.

Dirás tu que sou moço e que é fingido
O tetrico suspiro que assim dou?
É que onde um coração bate com vida,
A descrença nem sequer jámais passou.

Ah! como és illudida... o meu peito
Ao do velho se assemelha, está rugoso;
E de moço as minhas faces desbotadas
Não sentem da mocidade o dôce gozo.

O que póde esperar um pobre orphão
Que as delicias de uma mãi cedo perdeu?
E que os prazeres do mundo, n'um só dia
Para sempre em seu peito elle escondeu?!

Escuta... que me importa de quem goza
Do mundo mil prazeres com riqueza?
Não invejo essa sorte ficticia,
Pois encontro mais prazeres na tristeza.

Adeodato Socrates de Mello.

ACABOU-SE A MINHA CRENÇA

Acabou-se a minha crença,
Sem crença devo morrer;
Quando deixei de crêr n'ella,
Em quem mais poderei crêr?

Onde a verdade
Póde fulgir,
Se até um anjo
Sabe mentir?

Como um anjo me fallou,
Como um anjo me sorriu;
Como um anjo me jurou,
Quebrou a jura, mentiu.

Onde a verdade
Póde fulgir? — etc.

No olhar e nas palavras,
Onde a innocencia respira,
Em tudo — que diz verdade,
Só eu encontrei mentira.

Onde a verdade
Póde fulgir? — etc.

RECITATIVO

ESCUTA, VIRGEM!

Anjo d'encantos, porqu'és muda e triste?
Acaso existe em teu peito—dôr?
Porque teu rosto, tão risonho outr'ora,
Se mostra agora de marmorea côr?

Dize, meu anjo, porqu'és triste assim?
Porque ao jasmim subtrahiste a côr?
Dize, meu anjo—o teu peito inflamma
Celeste chamma appellidada—amor?

És qual criança que nascida ha pouco,
Do mundo louco desconhece as fallas...
Ai não te deixes enlevar por cantos,
Nem por encantos de apparentes galas.

Lembra-te sempre que a pureza é flôr,
De tanto odôr e perfeição dotada,
Que mão impura se a tocar de leve,
Eil-a mui breve para o chão tombada.

Ama, donzella, com amor immenso,
Ardente, intenso,—a tua mãi querida;
Entre teus braços com amor a aperta,
—Sublime offerta p'ra quem deu-te a vida.

Irmã dos anjos, tu o és, donzella,
Nivea capella te engrinalda a frente;
Ainda ha pouco eu te vi no templo
Dando um exemplo de uma fé fervente.

Deixa que o bardo, em cujo peito triste,
Sómente existem cruciantes dôres;
Fraco conselho te offereça, virgem,
—Louca vertigem de um scismar de amores.

Esquece tudo, p'ra adorar sómente
Áquelle ente que te deu a vida;
Quando o mau fado te offertar seus laços,
Lança-te aos braços de tua mãi querida!

Gualberto Peçanha.

CANÇÃO

O ESCRAVO

N'uma alta e frondosa
Brazilea floresta,
Que o sol açoutava
Em calida sésta;

Ao som compassado
Da fouce pesada
Que os troncos derruba,
Prepara a *queimada;*

Com voz rude e triste
Que ao longe echoava,
Um pobre captivo
Taes queixas soltava:

« Em simples palhoça
Eu livre nasci,
Mas preso e *vendido*
Captivo me vi.

O filho, a mulher,
Forçado deixei,
A pobre familia
Não mais avistei.

São livres os *brancos,*
Não soffrem rigor;
Mas, eu por ser negro,
Eu tenho — um *senhor.*

Com elles nem devo
Co'as dôres chorar;
Mas devo, soffrendo,
Chorando cantar.

A dôr, o prazer
Em mim crimes são;
Castigos por isso
No corpo me dão.

Á chuva e ao sol
Sempre a trabalhar,
De pouco descanço
Eu posso gozar.

Os fructos da terra
Que cavo a suar,
Não são p'ra meus filhos
Que vejo penar.

O ouro que ganho
Me não faz ser rico,
Por muito que dê,
Eu forro não fico.

O mesmo sustento
Que dão-me, grosseiro,
Me dão porque temem
Perder *seu dinheiro.*

De um tal captiveiro
Soffrendo os rigores,
Minha mocidade
Gastou-se entre dôres.

Ao peso dos annos
Já hoje curvado,
P'ra todo o serviço
Sou inda chamado.

Ao *branco,* se é velho,
Teem todos respeito;
Eu inda ao *chicote*
Vivo hoje sujeito!

De que serve a vida
A quem, como eu,
Sem ter liberdade
Já tudo perdeu?

Só uma esperança
Eu sempre hei-de ter:
Morrendo, outra vez
Eu livre hei-de ser.

Meu bom Pai do céo,
Ah! tende clemencia!
Ouvi minhas vozes,
Findai-me a existencia!»

Aqui o captivo
Cançado parou,
E co'a mão callosa
O pranto enxugou.

E o echo passado,
Que a voz repetia,
— *Findai-me a existencia!*
Ao longe dizia.

Pires Ferrão.

LUNDÚS

A CLARA

(NOVO LUNDÚ)

Para ser cantado pela musica do lundú — *Mulatinha do caroço*

Todos fallam com paixão,
E teem razão,
Da morena e linda côr;
Mas tambem a côr que é clara
Não é rara,
Tem encantos, tem amor.

A que é clara e bem rosada,
Idolatrada,
Tem denguices... tem carinhos;
Seus encantos sempre exaltam,
Arrebatam
Seus feitiços mimosinhos.

Eu por ella dou a vida
Tão querida,
Meu amor, meu coração;
A que é clara e tão mimosa,
Melindrosa,
Faz-me perder a razão!

Linda côr de casta alvura,
Que tão pura,
Tem dos anjos semelhança;
Se as faces lhe cobre o pejo,
Que desejo
Alimenta minha esp'rança!

A que é clara e bonitinha,
Jovenzinha,
Tem de archanjo a perfeição;
A morena não é tanto,
No encanto,
Cá na minha opinião.

Mas se acaso eu m'enganei
Ou errei
No que digo com razão,
Moças claras e morenas,
Sempre amenas...
A vós eu peço perdão.

S. J. S.

YÁYÁZINHA VOSSÊ MESMO

Yáyázinha vossê mesmo
Foi a causa de meu mal,
Nunca pensei que vossê
Me fizesse cousa tal.
(Arranjou bem o seu papel).

Sempre é moça!
Renego eu d'ella!
Com taes sujeitas
Muita cautela.

Todo o tempo m'enganou,
Fez de mim seu bôbosinho;
Quando me via chorar
Me dizia: Coitadinho!
(Que cabecinha tão leve!)

Sempre é moça!
Renego eu d'ella!
Com taes sujeitas
Muita cautela.

Que me amava com ternura,
Trinta vezes me jurou;
Quando me quiz ser ingrata,
De uma só tudo negou.
(D'onde não s'espera, d'ahi é que vem).

Sempre é moça!
Renego eu d'ella!
Com taes sujeitas
Muita cautela.

MODINHAS

ADEUS, LYRA MALFADADA

N'estes troncos pendurada
Ficará a minha lyra,
Té que o vento as cordas fira,
Te faça lembrar — amor.

Adeus, lyra
Malfadada,
Consagrada
A meu — amor.

Leões, tigres e rochedos
Tens movido com ternura;
Mas de Lilia sempre dura
Tu não moves o rigor.

Adeus, lyra
Malfadada,
Consagrada
A meu — amor.

Vai, ó Lilia, d'este mundo,
Vai viver na solidão;
Lá mesmo receberás
A minha triste canção.

Adeus, lyra
Malfadada,
Consummai
Esta paixão.

O TEU AMOR, PURA VIRGEM

O teu amor, pura virgem,
Muito me faz padecer;
Mas eu deixar de te amar,
Isso não, não póde ser.

O nobre porque é rico,
Me comprar não tem poder;
Mas separar-me de ti,
Isso sim, sim póde ser.

Póde o céo baixar á terra,
E a terra em fogo arder;
Mas eu deixar de te amar,
Isso não, não póde ser.

Chovam raios e coriscos,
A terra fique a tremer;
Para te vêr em meus braços,
Isso sim, sim póde ser.

Eu quero estar a teu lado
Para contente viver;
Mas vêr-te nos braços d'outro,
Isso não, não póde ser.

Fiel ao meu juramento,
Nunca me hei-de esquecer;
Mas tu quebrares o teu,
Isso sim, sim póde ser.

N'ESTAS PRAIAS DE LIMPIDAS ARÊAS

N'estas praias de limpidas arêas
Prateadas á noite pela lua,
Passo as horas, scismando nos amores
Que perdido bebi na imagem tua.

Quando o sol pelos montes declinando
Vai ao mar sepultar os seus ardores,
Uma lagrima me rola pelas faces,
Recordando sósinho esses amores.

Ó campinas! ó praias seductoras!
Ó montanhas! ó valles de saudade!
Meus segredos guardai em vossos peitos
D'esses tempos de tanta f'licidade!

Do recinto não passe d'esses mares
Os votos que a ella dediquei;
Guardem praias, campinas e montanhas
Quantos ais e suspiros lhe enviei.

PRAZERES QUE EU NÃO SONHAVA

Prazeres que eu não sonhava
Teu amor me fez gozar;
Bella Armia, tu não queiras
A minha vida acabar.

Careço de ti, meu anjo,
Careço do teu amor,
Como uma gota de orvalho
Carece do prado a flôr.

EU SOFFRO ANGUSTIAS ME SUFFOCAR

Eu soffro angustias
Me suffocar,
Meu lenitivo
É só chorar.

Eia, choremos,
Comece o canto;
Tambem cantando
Se verte o pranto.

O pranto ás vezes
É briza d'alma
Que a dôr mitiga
E o pranto acalma.

Então o canto
Nos céos se isola;
Penetra os ares
E Deus consola.

O canto é prece
Que vôa a Deus,
Se o triste canta
Os males seus.

Em cada nota
Que o canto diz,
A dôr traduz-se
Do infeliz.

Depois que a ingrata
Feriu-me tanto,
Que de mim fôra
Sem este canto;

Talvez as dôres
Fossem mortaes,
Se as não curasse
Com estes ais.

RECITATIVO

ELISA

Poesia do snr. Bulhão Pato, e musica do snr. Furtado Coelho

Era no outono, quando a imagem tua
Á luz da lua, seductora, vi;
Lembras-te ainda d'essa noite, Elisa?
Que dôce briza suspirava alli!...

Toda de branco, em tua fronte bella
Rosa singela se enlaçava então;
Vi-te, e perdido de te vêr, buscava
Se me apartava da gentil visão.

Oh! que era embalde! quanto mais te via,
Mais me perdia delirante amor!
Magicas fallas proferiste incerta,
Toda coberta d'infantil rubôr.

Tremulo, ancioso, quiz pedir-te um beijo,
Louco desejo, que fugir-te vi...
Viste-me triste, para mim voltaste,
Não me fallaste, mas eu bem ouvi.

Tibia, arroubada de perfume, a briza,
Lembras-te, Elisa, suspirava então...
Tu nos meus braços reclinaste a frente,
E meigamente me disseste — não!...

ROMANCE

OS OLHOS DE URANIA

Poesia do snr. dr. D. J. G. de Magalhães, e musica
do snr. Raphael Coelho

Gosto de vêr os teus olhos
Quando pareces pensar;
Meio-abertos, assombrados,
Sem muita luz derramar.

Gosto de vêl-os radiantes,
Espargindo almo fulgor;
E nos peitos embebendo
Alegria, vida e amor.

Tambem gosto quando exprimem
A ternura, a compaixão;
E qualquer ligeiro affecto
De innocente coração.

Mas quando os volves furtivos
Para mim, e após aos céos;
Então é que nada iguala
Ás graças dos olhos teus.

*

Então é que mesmo os anjos
Não teem uns olhos iguaes;
Quando assim de amor se inundam,
Então é que gosto mais.

LUNDÚ

DO BRAZIL A MULATINHA

Do Brazil a mulatinha
É do céo dôce maná;
Adocicada frutinha,
Saboroso cambucá.

É quitute appetitoso,
É melhor que vatapá;
É nectar delicioso,
E boa como não ha.

É manjar bem delicado,
É melado com cará;
Agradavel bom bocado,
Gostoso maracujá.

É cajú assucarado,
E tem de manga o sabôr;
É quibêbe apimentado
Pelas mãosinhas de amor.

É dôce licôr de rosa,
É melhor do que melado;
Delicada e melindrosa,
Vinho velho engarrafado.

É manguinha da Bahia,
E dôce favo de mel;
Não é clara como o dia,
Nem alva como o papel.

A mulatinha mimosa,
(Fios d'ovos com canella)
É morena côr de rosa,
Tem uma côr muito bella.

É faceira, tem candura,
Tem do côco o paladar;
Tem meiguice, tem ternura,
Tem quindins de enfeitiçar.

Quando, leitor, vejo ella
Tão terna, tão moreninha,
Logo exclamo: Como é bella
Do Brazil a mulatinha!

Os olhos sabe volver,
Tambem sabe namorar;
Oh! quem me dera poder
Junto d'ella sempre estar!

MODINHAS

FOI CRUEL O MEU DESTINO

Foi cruel o meu destino,
Foi sonho minha ventura;
Nada penhora a uma ingrata,
Só me resta a sepultura.

Já fui amante mui terno,
E querido como doçura;
Hoje só tenho tormentos,
Só me resta a sepultura.

Por vêr negra ingratidão,
Não ha igual desventura;
De tão crú e fero golpe,
Só me resta a sepultura.

A FLÔR DO MEU CULTO

A flôr do meu culto,
A rosa que ha pouco
Tão cheia de encantos
Se via ostentar;
De chofre o tufão
Levou-a nas azas,
As pet'las voaram,
Dispersas no ar.

Que flôr é aquella?
Que triste coitada!
O crepe de luto
Parece vestir;
É flôr de saudade,
Que ausente da rosa
Commigo chorosa,
Parece sentir.

Vem, flôr de minh'alma,
Unir-te ao meu seio,
Pois quero comtigo
Meu pranto verter;

O meu coração
Partido ficou,
As harpas não podem,
Não podem gemer.

ANJO DO CÉO, TU ME MATAS

N'esse teu rosto onde acatas
O pundonor e o riso,
Onde mil graças diviso,
Anjo do céo, tu me matas;
Meu peito tudo dilata
No mais completo prazer;
Quizera, meu anjo, ser
O teu bem idolatrado;
Com ternuras e agrados,
Tu me matas sem querer.

Se volves um riso a mim,
Oh! que dita, oh! que ventura!
Se me adoras, virgem pura,
De teus labios quero um *sim:*
Mais leve, côr de carmim
Faz teu rosto enrubecer;
Nada tenhas a temer
Em me fallar a verdade,
P'ra minha felicidade
Quero um—sim—depois morrer.

NOVOS ARES, NOVOS CLIMAS IREI LONGE RESPIRAR

Novos ares, novos climas
Irei longe respirar,
Lá mesmo serei ditoso
Se meu bem nunca mudar.

Esses mares solitarios
Vou chorando transitar,
Mas depois vêr-me-hão alegre
Se meu bem nunca mudar.

RECITATIVOS

SEGREDO

Quando eu ás vezes teu olhar surpr'endo
Languido e terno sobre mim pairar,
Em cada golpe d'este olhar compr'endo
O que me queres talvez perguntar.

E sempre finjo que ignoro tudo!
Que nem sei mesmo quem tu és, quem sou;
E me conservo indifferente e mudo
Como criança que a visão pasmou.

Talvez tu penses que evitar pretendo
Essas promessas de um amor por vir,
Perdôa á folha que arrebata-a o vento,
Ella não sabe aonde vai cahir.

Queres ouvir-me que a razão me ensina
A que me faça indifferente assim;
E que não quero me curvar á sina
Má, que do berço se engraçou de mim.

Não devo rir-me quando sinto dôres
Nem illudir-me de esperanças mais;
Minha alma esvai-se, como murcham flôres,
Gemendo agora seus doridos ais.

Perdôa, virgem, esse modo ousado,
Por que eu evito teu ingenuo amor,
Eu cumpro apenas um dever sagrado,
Fugindo aos gozos p'ra viver na dôr.

Tu és estrella, no fulgor princeza,
Que a terra inundas de tão meiga luz;
Eu sou o cyrio que só diz tristeza
Quando alumia mortuaria cruz.

Tu és rainha, e de teu throno as galas
Eu não podera contemplar sem medo,
De longe escuto tuas meigas fallas,
E se tal faço é por ser meu segredo.

Oh! se te amo! com amor tão santo,
Que não pudera-te dizer jámais!
Porém se fujo de tamanho encanto
E que receio que o contar queiraes.

E sabe agora que esse amor de louco
Que por ti nutro n'um fatal segredo,
Eu acho ainda para ti mui pouco,
Mas não o reveles porque tenho medo.

Dr. Climaco A. B. Oliveira.

A CAPELLA DA VIRGEM

Que é feito das flôres da branca capella
Que ornava-te, oh bella, da fronte a pureza?
Que é feito do riso com que descuidosa,
Fruias gostosa — tão meiga belleza?

Que é feito das côres que o lyrio invejava,
Que a rosa almejava — tambem possuir?
Que é feito da paz que morava em teu peito,
Jámais contrafeito — a pensar no porvir?

Que é feito dos brincos com qu'inda innocente
Gozavas contente — dos annos a flôr?
Que é feito do fogo dos olhos galantes,
Tão negros, brilhantes, tão cheios de amor?

Que é feito da graça com que tão faceira,
Qual corça ligeira — no prado saltavas?
Que é feito dos cantos de dôce magia,
De tanta harmonia — que alegre soltavas?

Ai triste! — que é feito de todo o passado,
Tão bello, dourado — tão cheio de flôres?
Ai! triste! trocaste-o, com tua imprudencia,
Por triste existencia, tão cheia de dôres!...

A branca capella jaz murcha — esfolhada,
Por terra lançada — p'ra mais não s'erguer;
Ai, triste! sem ella que vale o ser bella?
Sem branca capella — que vale o viver?

S. G. Sousa.

ROMANCE

OS OLHOS CHOROSOS

Poesia do snr. dr. D. J. Gonçalves Magalhães, e musica do snr. Raphael Coelho

Porque choraes, tristes olhos,
Tão cançados de chorar?
Quem vosso pranto motiva,
Ah! não os ha-de enxugar.

Em vão lagrimas de sangue,
Nascidas do coração,
Mostrassem sobre o meu rosto
A minha interna afflicção.

Suspendei amargo pranto,
Suspendei, que a vossa dôr
Não póde n'um peito frio
Inspirar paixão e amor.

Mas se um destino de ferro
Vos obriga que choreis,
Então chorai, tristes olhos,
Até que em fim estaleis.

LUNDÚ

QUANDO EU ERA CRIANCINHA

Quando eu era criancinha
Engraçadinha,
Moças bellas me adoravam;
Me beijavam dôcemente,
E tão contente,
Só de amor a mim fallavam.

Hoje eu vivo desprezado,
Isolado;
Sem beijinhos, sem doçura,
Já não tenho mais prazer,
Que viver!...
Mudou tudo de figura.

Se no berço em que eu chorava
Me embalava
D'amor a sorte clemente,
Hoje tudo mudo e triste,
Só resiste
Ao negro fado imponente.

Já não sou mais criancinha
Innocentinha,
Já não tenho mais candura;
Já não tenho mais carinhos,
Nem beijinhos,
Mudou tudo a desventura!

Adeodato Socrates de Mello.

MODINHAS

AMOR DE MÃI

Quão ephemeros que são
Os gozos da nossa vida!...
Quão trabalhosos e tristes
Os dias de tanta lida!

Custa muito a supportar
Tantos vaivens d'este mundo,
Tanta esperança perdida,
Tanto dissabor profundo!

A saudade é sobre tudo
Martyrio do coração,
Quando soffremos d'um filho
Eterna separação!...

D. A. Rosinha de S. (Portuense).

LAGRIMAS DA DÔR

Para ser cantada com o tom da modinha — *Quando o céo dá em teus labios*

Quando em torno aos olhos meus
Virem nodoas azuladas,
— São as lagrimas da dôr
Ao infeliz offertadas.

Perdi o viço dos annos
N'aurora da mocidade;
Hoje só trago no peito
Gratà lembrança e saudade.

Quando virem eu verter
Um pranto que não tem fim,
Não zombem, por piedade,
Tenham compaixão de mim.

Perdi o viço dos annos—etc.

Perdi meu guia da vida,
Vivo no mundo isolado,
Qual baixel singrando á tôa,
Á mercê do vento irado.

Perdi o viço dos annos—etc.

Só terá fim minha dôr,
Só findará a saudade
Quando eu, junto ao meu guia,
Habitar na eternidade.

Lá então serei ditoso...
Findará minha agonia,
Junto áquella, que no mundo,
Me serviu de firme guia.

Gualberto Peçanha.

EU AMEI UMA INCONSTANTE

Eu amei uma inconstante
Que foi ingrata e perjura;
Trocou os dias ditosos
Só por dias de amargura;
   Eis pois como ella pagou
   Minha tão grande ternura!

      Mas inda um dia virá
      Que o inferno, devorando
      Monstro tal de ingratidão,
      Seus crimes irá pagando.

Seu prazer é só lograr,
Ser ingrata, ser perjura;
Maltratar com seus ciumes,
Cavar fundo a sepultura;
   Abusar da sympathia,
   Dôces mimos de ternura!

      Mas inda um dia virá — etc.

Quando, em fim, de ti gostei,
Que eras assim não sabia;
Monstro tal de ingratidão,
Symbolo da tyrannia;
   Eis pois como ella pagou
   Tão sincera sympathia!

      Mas inda um dia virá — etc.

RECITATIVO

UM NAMORADO DA ÉPOCA

Passeia á tarde, quando o sol é posto,
P'ra vêr seu rosto, mendigar-lhe um riso;
Porém, se avista a seu lado, o *velho,*
Fica vermelho — quasi perde o siso!

Volta a esquina, fuma seu charuto,
Qual o matuto que á cidade vem!
Ahi espera por algum escripto,
E fica afflicto se não vem ninguem.

Mira-se todo — limpa seu calçado —
Que já rasgado, tinha posto ao lado;
Mesmo os tacões elle não dispensa...
Sómente pensa em fazer-se amado!

Expõe-se á chuva, se expõe á lama,
P'ra ter a fama de a conquistar!
Mas se reflecte, marcha direitinho,
— Mui caladinho — para o Alcazar.

Ahi disfarça da paixão as mágoas,
Com certas *aguas* de diversas côres;
Bebe cognac — capilé composto —
Tudo por gosto d'esquecer amores!

E quando acaba de uma tal folia,
De *poesia* se lh'escalda a mente...
Caminha, acceso qual ardente braza,
E chega a casa por demais contente!

R. F. d'Almeida.

LUNDÚ

A VIDA DO FRADE

Triste vida é a do frade,
Inda peor que a da freira,
Andar de noite á carreira,
Na penitencia.

É preciso paciencia
Com nosso noviciado;
Andar um anno encerrado,
Eu não sabia.

Eu bem disse—não queria
Ser frade n'este convento—
Porque tão grande tormento
Exp'rimentei.

Á força eu professei,
Por meu pai assim querer,
Sou defunto sem morrer,
Amortalhado.

Vivo n'um fogo abrazado
Com este burel vestido,
Quando me vejo despido
Estou contente.

Quando me vejo doente,
Deitado na enfermaria,
É quando tenho alegria
Pelo descanço.

Se alguma licença alcanço
De meus paes ir visitar,
Se vão outros passear,
Eu tambem vou.

Assim que o canto voltou...
O meu leal companheiro
Procura a rua—primeiro
De seus amores.

Se é doente, não tem dôres
Porque solto assim se vê;
Inda que a gota lhe dê,
Não é tão forte.

Cuido ir buscar a morte
Quando subo esta ladeira;
Eu desço-a toda á carreira,
A toda a pressa.

De missas uma remessa
O guardião sempre tem;
Ganhar um frade um vintem,
Ora... essa é boa!...

Se morre alguma pessoa
Que officio vamos rezar,
Todos juntos a cantar
Eu quero vêl-a.

De noite á porta da cella
Certas matracas tocando,
Vamo-nos já levantando
Orar p'ra o côro.

Eu com isso quasi morro,
Ás vezes *somnambolindo*;
Se estou sonhando ou dormindo,
Tambem não sei.

Acordado dormirei...
Toca o officio d'agonia,
Vamos para a enfermaria
Versos cantar.

O frade, perto, a expirar,
Sem acabar de morrer;
Quando o dia amanhecer
'Stá estendido.

Já morreu arrependido
O nosso frade doente,
Ponha-se isso bem patente
Que officio temos.

Graças a Deus já rezemos,
Toca o sino — a refeitorio,
P'ra tomar um vomitorio
De arroz cozido.

Se algum meu conhecido
Frade quizer-se metter,
Antes se exponha a morrer
Do que ser frade.

*

Do mesmo se queixa a madre
Por não acompanhar o frade...
Por não ter mais liberdade...
E nada mais.

AO PARAGUAY

Brilha a estrella tão formosa,
Luminosa,
Do Brazil grande poder;
Eia! bravos, com valor,
Sem terror,
Mas ás armas sem temer!

De Lopez e a sua gente,
Que valente
Quer a custo a nós vencer,
Não temaes, oh brazileiros
Verdadeiros;
A gloria nossa ha-de ser!

O Brazil jámais da guerra
Não se aterra,
Tem valor e tem nobreza;
É muralha rija e forte,
Quem á morte
Se arroja com gran firmeza!

De Santo Borja expulsai-os,
Mergulhai-os
Em sangue, tão vis tyrannos,
Que só sabem affrontar
E desgraçar,
Dar a morte, causar damnos!

Nosso pai tão carinhoso
E amoroso,
Nossos mares já sulcou,
Sua coragem e amor,
Com ardor
Nossos brios avivou!

Augusto Eugenio da Silva Santiago.

MODINHAS

DÁ-ME UM BEIJO

Poesia do dr. Laurindo, e musica de A. Cunha

Se me adoras, e me queres,
Como dizes com ardor,
Dá-me um beijo tão sómente
Em prova do teu amor...

A paixão em que me abrazo,
Dilacera o peito meu;
Dá-me prazer, dá-me vida,
Dá-me, dá-me um beijo teu.

Amor anima e accende
Em chammas, do céo nascidas,
Dous corações n'um abraço,
Em um beijo duas vidas.

Uma vida que me falta...
A metade do meu sêr,
Quero um beijo amoroso
Dos teus labios receber.

ESCUTA, DONZELLA

Poesia de H. Machado, musica de Virgilio

Escuta, donzella, escuta
O meu continuo penar;
Ausente de ti... distante,
Passo a vida a suspirar.

Ao vêr-te logo jurei
Ser sómente teu amante;
Dar-te-hei a propria vida
Se tu me fôres constante.

Porém a sorte infiel
Quiz de ti me separar,
Mas não póde de meu peito
Tua lembrança riscar!

Trago gravado na mente
O teu mimoso semblante,
E jámais te esquecerei
Se tu me fôres constante.

Escuta, donzella, escuta
Do bardo triste cantar,
Até que a morte dê fim
Ao meu continuo penar!

N'este retiro em que vivo,
Bem longe de ti distante,
Juro amar-te até morrer
Se tu me fôres constante.

— —

DORME, DORME, Ó MORENA

Dorme, dorme, ó morena,
O somno da eternidade,
Que só deixaste ao esposo
A triste flôr da saudáde.

Roubou-me a parca tyranna
O meu mais caro penhor;
Com elle a flôr dos meus dias,
Minha vida, meu amor.

Que sorte desventurada
Traz meu pranto em amargura!
Dorme, dorme ó morena,
Lá na fria sepultura.

Se tu meu pranto escutares,
Envolto com o meu soffrer
Passarei contente a vida,
Até findar meu viver.

Se os meus lamentos ouvires,
Repassados de ternura...
Dorme, dorme, ó morena,
Lá na fria sepultura.

Adeus, ó bella morena,
Descançada d'este mundo;
Fico só em cruel lucta,
Com este ardor tão profundo.

O CEGO

Pensam que vejo e não vejo,
Não vejo, que cego estou;
De que me servem os olhos
Se a minha luz se apagou?

Ah! não deixes que eu me perca
N'esta immensa escuridão;
Oh anjo que me cegaste,
Vem ao menos dar-me a mão!

Deixe passar o mendigo
Quem a vista não perdeu;
Só me póde dar esmolas
Quem fôr cego como eu.

Ah! não deixes — etc.

Ao avistar-te, meu anjo,
A luz divina senti;
Mas ao perder-te de vista,
A minha vista perdi.

Ah! não deixes — etc.

Se eu cahir, dá-me teus braços,
Dá-m'os, pelo amor de Deus;
Talvez que receba a vista
Cahido nos braços teus!

Ah! não deixes — etc.

LILIA BELLA, O TRISTE PRANTO

Lilia bella, o triste pranto
Que me fizeste verter,
É cruel sómente a causa
Do teu falso proceder.

Vinde, ó furias do Averno,
Depressa me ajudar;
Hoje sómente procuro
D'essa ingrata me vingar.

Não é bem que um peito fira
Quem desconhece o amor,
Zombando da cruel sorte
Do meu peito abrazador.

Morra essa ingrata,
Essa tyranna
Que entre nós vive,
Em fórma humana.

Morra a perjura,
Já que assim quer;
Como não ama,
Não é mulher.

RECITATIVOS

QUERO FUGIR-TE

Quero fugir-te, mas não posso, virgem,
Pois sou captivo de um poder sublime;
Quero fugir-te, mas fatal vertigem
Me dobra o corpo, como a briza o vime.

Do Eden de amor és meu vedado pomo,
Ninguem no mundo minha dôr compr'ende!
Quero fugir-te, quero, sim, mas como,
Se um teu sorriso me seduz, me prende?

Para enganar-me digo muitas vezes
Que és má, que és feia, que é loucura amar-te;
Então deliro, bebo até ás fezes
A taça amarga que o soffrer reparte.

Quero fugir-te, na floresta vago,
Colho uma rosa, teu retrato é ella;
Contemplo o céo, e lá teu rosto mago
Inda admiro em cada nivea estrella.

Se mais te fujo, mais a ti me prendo,
Não acho ausencia que de ti me ausente;
Se os olhos gozam quando te estou vendo,
Em te não vendo gozo-te na mente!

Tu és o iman que me attrahes a vida,
Qual mariposa em teu olhar me abrazo;
Quero fugir-te, que imponente lida!
Da minha sombra fugir posso acaso!?

Fugir não posso; não se foge á sina,
Não foge o corpo quando é presa a idéa;
Sou teu escravo; sobre mim domina,
Eis os meus pulsos, lança-me a cadêa!

ROMANCE

A DESPEDIDA

Poesia de Bettencourt Sampaio, e musica de E. A. Lobo

Adeus, terra dos amores,
Paulicea, adeus, adeus;
Da saudade acerbas dôres
Não findarão dias meus.

E tu, virgem peregrina,
Anjo do céo que adorei;
Quem sabe, terna Angelina,
Se algum dia te verei!

N'este estado de incerteza,
Que magoa sinto de amor!
Até mesmo a natureza
Parece chorar de dôr!

Ah! que saudade
Na solidão!
N'este meu canto
Deixo alma e pranto
E coração.

Felicidade, felicidade,
A ti, aos teus;
Anjo dos céos,
Adeus, adeus.

LUNDÚ

MENINA, PORQUE RAZÃO

Menina, porque razão
Passo, e foge da janella?
—É porque vou á cozinha
Botar fogo na panella.

Castiga, castiga,
Seu bem aqui está;
Quem d'elle não gosta,
De quem gostará?

Menina, porque motivo
Quando eu passo não diz—entre?
—Ora senhor, vá andando,
De compostas 'stou sciente.

Castiga—etc.

Não fujas, que eu não sou bicho,
Eu sou creatura humana;
—Ora senhor, vá andando,
Com compostas não me engana.

Castiga—etc.

Menina, esses seus dentinhos
É que me faz repellir;
—Ora senhor, vá andando,
Por Deus, não me faça rir.

Castiga—etc.

MODINHAS

DEIXEI CABANAS

Deixei cabanas,
Deixei meus gados
P'ra vêr Analia
Dos meus cuidados.

Eis a fortuna
Que eu tenho achado:
Amar constante,
Sem ser amado,

Amar constante
Sem ser amado,
Por outro amante
Ser desprezado.

Um infeliz
Deve morrer
Para uma ingrata
Nunca mais vêr.

Eu vi Analia
Não sei aonde,
Chamo por ella,
Não me responde.

Ah! vem, Analia,
Entra em meu peito,
Vem vêr o estrago
Que me tens feito.

OS CIUMES

Por outros labios passados
Não posso seu nome ouvir;
De todos tenho ciumes
Quando te vejo sorrir.

Tenho ciumes das flôres
Que a teus pés vejo abrir,

Aborreço os olhos todos
Que ousam teus olhos mirar;
Aborreço a aragem mansa
Que vem teus labios beijar.

E' loucura ter ciumes,
Mas são esses de matar.

Não me lances esses olhos,
Que eu já não posso soffrer;
Tenho medo de mim mesmo,
De um amor como eu sei ter.

Ha na vida mil tormentos
P'ra uma hora de prazer.

ROLA

Des qu'o amor me deu qu'eu lesse
Nos teus olhos minha sina,
Ando como a peregrina
Rola que o esposo perdeu;
Seja noite ou seja dia
Eu te procuro constante;
Vem, oh! vem, querido amante,
Tua sou e tu és meu.

Vem, oh! vem, que por ti clamo,
Vem contentar meus desejos,
Vem fartar-me com teus beijos,
—Vem saciar-me de amor!
Amo-te, quero-te, adoro-te,
Abrazo-me quando em ti penso,
E em fogo voraz, extenso
Anceio louco de ardôr!

Vem, que te chamo e te aguardo,
Vem apertar-me em teus braços,
Estreitar-me em dôces laços,
Vem pousar no peito meu;
Que se o amor me deu que eu lesse
Nos teus olhos minha sina,
Ando como a peregrina
Rola que o esposo perdeu.

MENINA DOS OLHOS NEGROS

Menina dos olhos negros
Morro por ti de paixão;
Menina dos olhos negros,
Queres tu meu coração?

Como tu não ha na terra
Tão linda, tão bella flôr;
Menina dos olhos negros,
Queres tu o meu amor?

Da capella de um archanjo
És luzinha desprendida;
Menina dos olhos negros,
Queres tu a minha vida?

Pódes vêr que são já tuas
Estrellas do firmamento;
Menina dos olhos negros,
Queres tu meu pensamento?

Quero ser teu e tu minha
Por uma dôce união,
Dou-te todo o pensamento,
Alma, vida e coração.

RECITATIVO

SONHO DE VIRGEM

Eil-a tão bella — sobre o leito — immersa
No somno ameno da estação gentil!...
Branca açucena que entreabre o calix,
Amor lhe alenta o melindroso hastil!...

Amor de rola, que inda ha pouco o ninho
Guardava implume a pipilar medrosa;
Mede o espaço, e ensaiando o vôo,
As tenras azas exp'rimenta airosa.

Eil-a tão bella!... mal cerrados cilios,
Labios purpureos — um sorrir d'anjinho,
Madeixas d'ouro sobre o leito esparsas,
Seio de neve a se agitar mansinho.

Sonha e sorri-se; que horisonte azul
N'alma lhe esparge de esperança as flôres!
Sonha e sorri-se; que dourada nuvem
Lhe occulta aos olhos da descrença as dôres!

Dorme, donzella, teu dormir sereno...
Oh! não despertes da illusão dourada!...
Que são fallazes d'esta vida os gozos,
O sonho — um mundo — o despertar — um nada.

Teu leito é templo que a innocencia guarda;
Tecem os anjos as grinaldas tuas;
Baste-te o gozo das virgineas flôres,
Outros perfumes... ah! por Deus... não fruas!

LUNDU

SINHÔ JUCA

Sinhô Juca, vá-se embora,
Não me conte historias, não;
Já se esqueceu do que fez...
Na noite de S. João?

Ai, meu Deus, sinhô Juquinha,
Vossê é os meus peccados!
Vá-se embora, já lhe disse,
Não me queira dar cuidados.
As artes do sinhô moço
São mesmo artes do demonio,
Para vêr-me livre d'elle
Vou rezar a Santo Antonio.
Santo Antonio, meu santinho,
Valei-me n'esta afflicção,
Fazei com que sinhôzinho
Não me faça tentação.
Santo Antonio, Santo Antonio,
Que tentação do demonio!

Sinhô Juca, é forte teima!
Não bula commigo, não:
Não brinque como brincou
Na noite de S. João.

Ai, meu Deus — etc.

Sinhô Juca, arre de lá,
Senão leva um bofetão;
Eu não quero mais gracinhas
Da noite de S. João.

Ai, meu Deus — etc.

Sinhô Juca, você chora?
Já se viu tal tentação?
Não se vá, que já não ralho
Da noite de S. João.

Ai, meu Deus, sinhô Juquinha,
Vossê é os meus peccados;

Eis aqui mais outra vez
Os meus protestos quebrados;
As artes do sinhô Juca
São mesmo artes do demonio,
Não me posso livrar d'elle
Nem rezando a Santo Antonio.
Santo Antonio, meu santinho,
Já não vales nada, não,
O chorar de sinhôsinho
Derreteu-me o coração.
Santo Antonio, Santo Antonio,
Que tentação do demonio!

MODINHAS

RETEM NOS LABIOS INGRATOS

Poesia do snr. Pereira Sousa, e musica do snr. Raphael Coelho.

Retem nos labios ingratos,
Retem tanta crueldade;
Em ti perdôo a mentira,
Em ti detesto a verdade.

Essa verdade
Póde matar,
Esta mentira
Póde animar.

*

Se desprezas meu amor,
Não n'o digas, por piedade,
Cala no peito o que sentes,
Em ti detesto a verdade.

Esse silencio
Póde animar,
Essa verdade
Me vai matar.

QUE NOITES QU'EU PASSO AQUI NO ROCHEDO [1]

Poesia do snr. dr. Villela Tavares, musica do snr. A. J. S. Monteiro.

Que noites qu'eu passo aqui no rochedo
Á borda do mar,
Inquieto e afflicto, com susto e com medo,
E sempre a cuidar!

Se chove ligeiro, as aguas correndo
A choça humedece;
Viuva não bebas, na gruta gemendo,
Minh'alma entristece.

Se o cume do pico a lua prateia,
Ao seu clarear
Meu peito infeliz suspira e anceia,
Começo a chorar.

[1] A musica d'esta modinha acha-se á venda na rua de Gonçalves Dias n.º 61, estabelecimento musical do snr. Nicasso Garcia.

Passadas venturas me vem á lembrança,
Que dôce painel!...
Contemplo depois da sorte a mudança
P'ra mim tão cruel.

Sem forças, em vão, deitado no leito
Eu quero dormir;
Saudade que fere, que rala-me o peito
Eu entro a sentir.

Saudade da terra que longe deixei,
E onde nasci;
Saudade do povo, da gente que amei,
Mas que eu já perdi.

Saudade da matta do meu sabiá,
Dos plumeos cantores;
Dos fructos tão bellos, tão bons que alli ha,
Saudade das flôres.

Saudades das ruas, e rios e fontes
Que ha na cidade;
Saudade do prado, dos valles e montes,
De tudo, saudade!

Que noites eu passo aqui no rochedo
Á borda do mar,
Inquieto e afflicto, com susto e com medo
E sempre a cuidar!

Se durmo cançado de tanto lidar,
De tanto soffrer,
Vampiros dispersos pairando no ar
Em sonhos vou vêr.

Idéas, imagens, crueis pensamentos
Se avivam então;
Desperto, meus males, martyrios, tormentos
Mais graves me são.

Taes são minhas noites, que noites de horror,
Tal é minha sorte;
São noites eternas de mágoas e dôr,
São noites de morte.

POR ENTRE AS TREVAS DA NOITE

Por entre as trevas da noite
Que cercam minha existencia,
Brilha um astro de innocencia
Que é minha estrella polar.
Nos abysmos de minh'alma
Só ella póde brilhar.

O clarão frouxo da lua
Já desmaia no horisonte,
E o d'ella na minha fronte
Inda não veio pousar.
Ide, ó sons de minha lyra
Em torno d'ella adejar.

Apenas n'este silencio
Ouço o cahir de uma fonte
Que vem descendo do monte
Com sonoro crepitar,
Eu ajunto ás vozes d'ella
Os echos do meu cantar.

Vem, flôr dos jardins celestes,
Vem, meu anjo, sem receio,
Entornar dentro em meu seio
Teu perfume e teu olhar;
Por tu'alma innocentinha
Minh'alma quero trocar.

Mas talvez que adormecida,
Recostada a seu postigo,
Sonhando, ó virgem, commigo
Vão meus cantos te acordar:
Adeus, ó virgem, que o bardo
Não quer teu somno turbar.

Olha que a noite é bem negra,
Faz frio de inverno e gelo,
Já sinto no meu cabello
O sereno a gotejar;
Não erra estrella no céo,
Nem ouço o mocho piar.

RECITATIVOS

FADA DE ENCANTOS

Fada de encantos que eu adoro e amo,
Por quem me inflammo sem venturas ter,
Deixas que o pobre, suspirando amores,
Sinta os rigores d'um cruel soffrer?

Deixas, ó virgem, que o meu negro fado,
Que me ha ligado á desventura assim,
Longe dos gozos, como a flôr pendida,
É minha vida um suspirar sem fim?

E tu, flôr bella no tapiz dos prados,
Dôces, bordados de mimosas côres,
Não vês o pobre que por ti clamando
Vive chorando n'um viver de dôres?

Oh! se eu nunca disse, te direi agora,
Minh'alma chora por teu dôce amôr;
Vem dar ao triste, que não tem abrigo,
Um peito amigo a mitigar-lhe a dôr.

Vem tu, ó virgem, dôce irmã dos risos,
Dar-me os sorrisos de uma vida pura;
Ai! dôce anjo, minha vida abrazas,
Roça-me as azas de feliz ventura.

Não temas nunca que eu te olvide, não!
Meu coração e meu amor são teus;
Se me desprezas vagarei perdido
Como o descrido nos desertos seus!

Adeodato Socrates de Mello.

DESPREZA O MUNDO

Despreza o mundo que caminha errante,
Que, ignorante, jámais crê — virtude!...
Despreza o mundo que a acção mais pura
Se lhe figura — sentimento rude!...

Despreza quem no lodaçal do mundo
Vegeta immundo, sem virtudes ter;
Despreza aquelle que o crime abraça,
Sorvendo a taça do agro soffrer!

Os que te accusam de leviandades,
São nullidades — só inspiram dó!...
Sem se lembrarem que serão um dia
P'la morte impía, reduzidos a pó.

Altiva e nobre tua fronte ergue,
E firme segue da virtude o trilho;
Ri-te d'aquelles que com falso agrado
Tem procurado te offuscar o brilho...

Coração de anjo, fórmas de mulher,
E' bem cruel quem te impõe soffrer!
Que desprezando todo teu encanto
Vertendo o pranto te fará morrer!...

Eu te admiro, e comprehendo tanto
Quanto teu pranto me traduz — delirio!...
Que com puro affecto — serena calma
Te offerto a palma do cruel martyrio!...

Despreza o mundo que caminha errante,
Que, ignorante, jámais crê — virtude!...
Despreza o mundo que a acção mais pura
Se lhe figura — sentimento rude!...

S. J. S.

LUNDÚ

NÃO ME AMOFINE

Arre lá, não me amofine
Com tamanha impertinencia;
Não goza mais meu amor,
Tenha santa paciencia.

Eu gosto de quem não tem
Coração p'ra muita gente;
Gosto de quem quando falla
Não é fingida — não mente.

Não avive esses olhinhos
Para vêr se me captiva;
Uma vez já me enganou,
Pois sem mim, agora viva.

Eu gosto de quem não tem — etc.

Se vossê não me queria,
Dissesse logo á primeira;
Agora não tem café,
Não cáio na ratoeira.

Eu gosto de quem não tem — etc.

MODINHAS

PERDEU A FLÔR DE MEUS DIAS

Perdeu a flôr de meus dias
Todo o perfume de amor;
Ramos seccos pendem d'haste,
Já não vive a minha flôr.

O tempo que tudo muda
Não minora a minha dôr;
Já não tenho primavera,
Já não vive a minha flôr.

Só encontro no deserto
Bafejo consolador;
Fechai-vos, jardins do mundo,
Já não vive a minha flôr.

NO SEMBLANTE TENS IMPRESSO

No semblante tens impresso
A constancia, a lealdade;
Tu és um anjo de amor,
Tens belleza e tens bondade.

Tens uns olhos scintillantes,
Que bem exprimem — amor;
Quem os vê, deixar não póde
De adoral-os com fervor.

Os teus dotes divinaes
Deixa-me só contemplar,
Já que a sorte acerba, injusta,
Não nos deixa amor gozar.

JUSTOS CÉOS, COMO É POSSIVEL

Justos céos, como é possivel
Que seja a ternura um crime,
Se tudo quanto é vivente
Da lei de amor não se exime?

Se é delicto ser amante,
Suspirar — morrer de dôr,
Crime é da natureza
Que ensina a ter amor.

Té o proprio deus do Averno
Que os condemnados opprime,
Se chegar a vêr teus olhos
Da lei de amor não se exime.

OS MANDAMENTOS

Eu confesso minhas culpas
Todas pelos mandamentos;
Depois que eu vi a Marilia
Trago varios pensamentos.

O primeiro amar a Deus:
Eu amo o meu bem querer;
Se Marilia fôr constante
Hei-de amal-a até morrer.

Segundo é não jurar
Pelo santo nome em vão;
Eu jurei amar Marilia
De todo o meu coração.

O terceiro ouvir missa
Nos dias de santa guarda;
Eu cem missas ouvirei
'Stando a par de minha amada.

O quarto honrar pai e mãi,
Pai e mãi respeitarei;
Só por ti, Marilia amada,
Pai e mãi eu deixarei.

O quinto não furtarás
Mesmo tendo precisão;
Eu só fiz ainda um furto:
De Marilia o coração.

Sexto guardar castidade
Que é virtude apreciada;
Eu serei sempre mui casto
'Stando a par da minha amada.

O setimo é não matar,
Eu nunca matei ninguem;
Eu só mato as saudades
Que sinto por ti, meu bem.

Oitavo é não levantar
Nunca, falsos a ninguem;
Eu só disse que Marilia
Era só minha e meu bem.

O nono é não desejar
Do proximo a mulher;
Eu só desejo a Marilia
Porque eu quero e ella quer.

Decimo é não cubiçar
Nunca as cousas de ninguem;
Eu só cubiço a Marilia
Porque ella é o meu bem.

Estes dez mandamentos
Só em dous é que s'encerra:
Amar a Deus no céo,
E a Marilia cá na terra.

RECITATIVO

EU VI-TE, VIRGEM

Eu vi-te, virgem, sobre o collo a fronte
Curvada á fonte a segredar queixumes!
Eu vi-te triste, qual pendida rosa
Hontem mimosa a exhalar perfumes!

Cabellos negros, no cahir esparsos,
Formosos traços estapavam n'agua!
Assim eu vi-te a extrahir da harpa
Acerba farpa de pungente mágoa!

Busquei-te! Achei-te! Em macia relva
Além da selva, recostei-te a mim!
«Por mim definhas?» — perguntei corando
E tu, chorando me disseste — Sim!

. . . .
. . . .

Depois, a sorte resequiu-me as flôres!...
Espinhos, dôres, entornou-me n'alma!
Mas inda espero n'um recente espaço
Prender-te ao laço de amorosa palma.

Virginio Martins de Carvalho.

LUNDÚ

O TODO DE SINHÁZINHA

Quem quizer venha escutar
Como é bella esta letrinha,
Como eu vou retratar
O todo de sinházinha.

Seus cabellos pretos, finos,
A cabeça redondinha,
Sua testa bem formada,
Como é bella a sinházinha!

Seus olhos pardos e vivos,
Sua bocca bem feitinha,
Seu nariz bem afilado
Como é bella a sinházinha!

Seus bracinhos torneados,
Sua mão bem talhadinha,
De cintura muito airosa
Como é bella a sinházinha!

Brilha um sorriso em seus labios
Como brilha uma estrellinha;
É joven, é bello e meigo
O todo de sinházinha.

É um anjinho de amor,
É formosa e galantinha,
A natureza esmerou-se
No todo de sinházinha.

Não póde deixar de amar
Quem ouvir esta letrinha;
Que a natureza esmerou-se
No todo de sinházinha.

MODINHAS

COMO SE AMA A DEUS NO CÉO

Como se ama a Deus no céo
Te adorou minh'alma pura,
Mas tu desprezaste, ingrata,
Meus extremos de ternura.

Se desprezar tu podeste
Quem soube tanto adorar-te,
Não devo amar quem me odeia,
Devo tambem desprezar-te.

Porque se é crime o desprezo
Em paga d'uma affeição,
Tambem é loucura amar-se
Quem pratíca ingratidão.

Se desprezar tu podeste — etc.

QUEM SABE!?...

Tão longe de mim, distante,
Onde irá teu pensamento?
Quizera saber agora
Se esqueceste o juramento.

Quem sabe se tu és constante,
Se inda é meu teu pensamento?
Minh'alma toda devora
Da saudade agro tormento.

Vivendo de ti distante,
Ai, meu Deus, que amargo pranto!
Suspiros, angustias, dôres
São as vozes do meu canto.

Quem sabe — etc.

Quem sabe, pomba innocente,
Se tambem te corre o pranto!
Minha alma cheia de amores
Te entreguei já n'este canto.

Quem sabe — etc.

MARILIA, TEUS OLHOS TÃO TRISTES

Poesia de J. Verissimo da Silva, e musica de José Martins de Santa Rosa

Marilia, teus olhos tão tristes
Se volvem magoados p'ra mim;
Diviso o pezâr derramado
Na face de neve e carmim.

Desejo saber o que opprime
Tua alma tão virgem, tão pura;
Marilia, tu soffres, mas eu
Tambem soffro horrivel tortura.

Afflige minh'alma sensivel,
Marilia, teu longo scismar;
O pranto rebenta em teus olhos,
Eu quero comtigo chorar.

Desejo saber—etc.

EU SONHEI QUE NOS MEUS BRAÇOS

Eu sonhei que nos meus braços
Dôcemente te apertava;
Nos teus labios, minha bella,
Toda inteira a vida achava.

Oh! que prazer tão celeste
Tivera n'esse sonhar!
Se tal sonho fôra eterno,
Quizera nunca acordar.

Antes fosse o sonho a vida
Que então teria prazer,
Pois acordado, só tenho
Um continuo padecer.

Oh! que prazer tão celeste—etc.

---

*

RECITATIVOS

PERFUMES D'ALMA

Mancebo, escuta o que eu vi no mundo,
Sentir profundo, soffrimento, dôres;
Risos de gelo, bem amargo pranto,
Lugubre canto em mausoléo de amores.

Amor não vi no fallar da virgem,
Nem na vertigem de voraz paixão;
Só vi enganos, mentirosos sonhos,
Echos medonhos de cruel traição!...

Pulsar não vi um coração sómente,
Nem ternamente murmurar amor!...
Só vi desprezo, a mentira impura,
A desventura no gemer da dôr.

Não vi um riso, nem um casto beijo,
Terno desejo de um coração amante;
Só os sorrisos de infernal traição,
A ingratidão a se ostentar constante.

O vicio eu vi — bem veloz correr,
E se perder no turbilhão das salas;
Eu vi corôas lá no chão tombadas,
E já manchadas da donzella as galas.

Pasmei ao vêr, no alcouce, ellas,
Mulheres bellas, a vender amor;
Vi suas faces com a côr da morte,
Pungente sorte que lhe deu a dôr.

Chorei ao vêr uma virgem linda,
De dôr infinda, praguejar, descrida!...
Vendo que era por seu pai mandada,
Era arrastada ao altar, vendida!

Amor não queiras, porque amor é morte,
Comêço forte de um gemer profundo;
Amor não queiras porque amor não ha,
Nem ella o dá a ninguem, no mundo!...

Verissimo José do Bomsuccesso Junior.

O ESTUDANTE

Hoje são quinze do meu mez de aulista,
Ando com a crista para o chão cahida;
Em os meus bolsos de estudante pobre
Dez reis em cobre já não tem guarida.

Aonde pára a infeliz mezada
A mim mandada pela mãi querida?
Talvez na bolsa de qualquer jurista
N'esta hora exista, bem e bem cosida.

Ai! ai! meu Deus, que existencia agra!
Parece praga sobre mim rogada!
Ando nas ruas qual Judeu-Errante,
Sujo, pingante, sem vintem—*sem nada.*

Escabriado qual um cão damnado,
É meu estado quando vou p'las ruas;
Porque s'encontro com credor audaz,
Elle é capaz de me fazer das *suas.*

Eu devo a casa onde moro ha um mez,
Ao meu freguez do *restaurante* devo,
Ao armarinho do José Manoel
Devo o papel que a sabbatina escrevo.

Do importuno alfaiate a conta
Creio já monta a bem puxados cobres;
Que quer que faça? oh que impertinentes!
Os meus parentes tambem são mui pobres...

Credito, foi-se! minha lavadeira,
A engommadeira, té meu sapateiro,
Por seus cobrinhos mui zangados clamam
E já me chamam de vil caloteiro.

Que amarga vida passa o estudante
Sempre oscillante nos desejos seus!
Passa tormentos que só elle sabe,
Pois só lhe cabe o furor de Deus!

Pois não! se adora a uma moça bella,
Votando a ella um amor eterno,
Ella depois de o mirar mui bem
Diz com desdem: É escolar! que inferno!

Inda não é tudo, o estudante estuda,
De côres muda, de cançado tomba;
Os seus exames vai fazer na escóla,
Por uma bola chupa ás vezes bomba.

Fica sem credito, perde o anno, a amante,
Dá em vagante — o que quer que faça?
Começa então a frequentar orgias,
E vai seus dias terminar na praça.

Gualberto Peçanha.

LUNDÚ

O CARANGUEJO

Caranguejo anda ao atá
Procurando a sua entrada,
Veio seu mestre titio
Fez dos c'ranguejos cambada.

Depois das cambadas feitas
Sahiu p'ra a rua a gritar:
—Chega, chega a freguezia!
Vai caranguejo, sinhá?

Moças pobres que vê chamam,
E vão logo a perguntar:
—Quanto custa os caranguejos?
—Meia pataca, sinhá!

—Mestre titio me diga
O seu nome como é?
—Sinhá, p'ra que quer saber?
Eu me chamo pai Manoé.

—Pois pai Manoel, vossê
Vai dar passeio ligeiro,
E quando vier de volta
Venha buscar seu dinheiro.

—Moça, leva os caranguejos
E deita-os a cozinhar,
Que mestre titio não tarda
O seu dinheiro buscar.

Palavras não eram ditas
Na porta o preto bateu:
Pergunta a moça:—Quem é?
Responde o preto:—Sou eu.

A moça veio de dentro
Dizer que agora não tinha
Dinheiro para lhe dar,
E seu marido já vinha.

Sinhá, não sabia
Que eu era captivo,
Que tinha de dar
Conta ao captiveiro?

Não me pregue calote,
Dê p'ra cá meu dinheiro.

MODINHAS

OH! QUE BOM SE EU MORRESSE

Oh! que bom se eu morresse ámanhã!
Que feliz, oh meu Deus, que eu seria!
Do papá, da mamã, dos maninhos,
D'elles todos um pranto eu teria.

Do amigo sincero eu teria
Ternos beijos, na fronte já fria;
Uma lagrima vertida em saudade,
Do cruento soffrer da agonia.

Oh! que bom se eu morresse amanhã!
Morreria commigo este amor
Malfadado, infeliz, esta chamma
Que meu peito crestou de amargor.

Amorosa mamã em soluços,
A gemer e finar-se em saudade;
E da amiga extremosa eu teria
Uma prece de sua amizade.

Eu teria a maninha afflictiva
Minha morte a carpir e a chorar;
E no meu ataúde sombrio
Desgrenhada o meu corpo abraçar.

Oh! que bom se eu morresse amanhã!
Eu teria da amante... mas não,
D'ella só, ainda morto, eu teria
Negro riso de ingratidão.

Minha Lilia adorada, perdoa,
Tu me amas, querida, eu sei bem;
Se eu morresse amanhã, tu commigo
A chorar morrerias tambem.

SÃO RESTOS QUE EU JÁ DEIXEI

Não se me dá de que gozem
Cousinhas que eu já gozei;
Aproveita, pobresinho,
São restos que eu já deixei.

De Marcia os bellos miminhos
Em quanto eu quiz desfrutei;
Os prazeres que hoje gozas
São restos que eu já deixei.

Basta, para castigar-te,
O tocar no que toquei;
O lembrar que estes carinhos
São restos que eu já deixei.

Pelo que gozas agora
Imagina o que gozei!
O que bebes tão sedento
São restos que eu já deixei.

A flôr, o fructo de amor,
Intactos n'elle encontrei;
Tudo o mais que der aos outros
São restos que eu já deixei.

RECITATIVOS

SONHA

Sonha, donzella, a mocidade é bella,
P'ra quem só teve desde o berço flôres;
A vida é triste para mim, coitado,
Que vivo cheio de cruentas dôres!

Sonha, não penses no cantor perdido,
Amante e crente do candôr dos lyrios;
Sonha, não queiras partilhar commigo,
Do mundo falso seus crueis martyrios.

Sonha, não olhes a impureza d'alma
De um poeta que te amou com ancia;

Atira ao fogo esses loucos cantos
De quem na orgia mareou a infancia.

Sonha, que os anjos sonharão comtigo,
A virgem pura guardará teus cantos;
Mas não maldigas n'esse sonho puro
A quem da lyra arrancou só prantos.

Sonha, não chores por me vêr perdido,
Louco, descrendo da cruenta sorte;
Não queiras vêr-me navegando afouto
Por sobre as vagas da tremenda morte.

Sonha, que o pobre chorará sósinho,
Sorvendo a taça d'amargosa lida;
E quando a morte me riscar do mundo,
Mesmo cadaver — te amarei, querida.

Sonha, não penses, é loucura a vida,
É falso e negro teu viver dourado;
Só não é falso o poema immenso
Que sobre a campa deixarei gravado!

J. M. Mancebo.

JOVITA

A bella, valente, guerreira *Jovita*
O pasmo hoje excita com seu proceder;
Quem é que diria que um peito tão fragil
Teria a coragem d'aquella mulher?!

Deixando a familia, deixando seus lares,
Da guerra os azares vai ella arrostar!
Não quer (que coragem!) servir d'enfermeira,
Quer, sim, ser guerreira p'ra *muitos* matar!

Jovita não teme pisar os espinhos
De horriveis caminhos co'a planta mimosa;
Não teme trocar esse clima do Norte
P'lo frio tão forte da plaga arenosa.

Que exemplo sublime! Que facto gigante
Se dá n'este instante no nosso Brazil!
O mundo hoje pasma, todo elle s'inclina,
Porque a mão divina nos guia o fuzil.

Permitte, heroina, que o bardo obscuro
Te augure um futuro risonho, feliz;
Que voltes da guerra coberta de gloria,
Que illustres a historia do nosso paiz.

Gregorio Christino da Silva.

LUNDÚ

A CASA MAL ASSOMBRADA

Vê-se a cidade abalada,
Todas as velhas rezando,
As criancinhas chorando,
E a policia agitada:
—A casa mal assombrada!—
Grita em côro a multidão;
É tão grande a confusão
Que a folhinha postergou-se,
E a Quaresma mostrou-se
Depois da Resurreição!

Mas vamos do caso ao fundo;
Diz, Quaresma, o que é isto?
É um caso nunca visto,
É um'alma do outro mundo,
Reina um mysterio profundo
N'esta misera casinha?
Porque mal chega a noitinha,
Logo um defunto brejeiro
Bate como um leiloeiro
Lá na porta da cozinha.

Um gato preto já vi
Que era tudo, menos gato;
Vi arrastar um sapato
Que eu não calcei nem buli;
Andando d'aqui p'ra alli
Encontrei uma tripeça,
Vi um caixão e uma eça,
Um gallo cacarejando,
E lá no quintal rinchando
Um cavallo sem cabeça.

Safa! o caso faz terror!
Estou com medo, não nego!
Uma alma que bate o prego
Contra ás ordens do inspector!?
Diz o tal martellador:
Como bate? e com que som?
Faz assim: tem, tam, tom, tom;
Esta agora é diabolica!
Com tal pancada symbolica,
Só se é alma de maçon.

Acode a policia ousada,
Dous pedestres com archote

Invadem arrostando a morte
A casa mal assombrada:
A tropa disciplinada
Divide-se em pelotões,
Ouve-se proclamações
D'esses modernos zuavos,
Firmes, intrepidos, bravos,
Molham comtudo os calções.

Porta, janella e telhado,
Sala, cozinha e quintal,
Tudo em bloqueio infernal
Ficou dous dias cercado.
O povo aterrorisado
De noite uma sombra viu,
As tres pancadas se ouviu,
Era a hora tão sinistra
Que o pedestre de mais crista
De cambalhotas cahiu.

Mas a visão 'stá filada,
A tal alma do outro mundo;
De immenso gosto profundo
Fica a cidade banhada...
A alma achou-se trepada
Em um velho paredão:
Era um bello, um maganão...
Por zombar dos assombrados
Foi pagar os seus peccados
Na casa da CORRECÇÃO...

FIM DO VOLUME I

INDICE

A douda do Candal. — Doze casamentos felizes. — Duas horas de leitura. — Engeitada. — O esqueleto. — Estrellas funestas. — Estrellas propicias. — Fanny. — A filha do arcediago. — A filha do doutor negro. — A filha do regicida. — O demonio do ouro. 2 v. — A freira no subterraneo. — Judeu. 2 v. — Lagrimas abençoadas. — O livro negro do padre Diniz. — Livro de consolação. — Lucta de gigantes. — Memorias do carcere. 2 v. — Memorias de Guilherme do Amaral. — Memorias de fr. João de S. J. Queiroz. — Mysterios de Lisboa. 2 v. — O mosaico. — A neta do arcediago. — No Bom Jesus do Monte. — Noites de insomnia, publicação mensal. 12 vol. — Noites de Lamego. — Aonde está a felicidade? — O olho de vidro. — O que fazem mulheres. — Quatro horas innocentes. — A queda de um anjo. — O Regicida. 1 v. — Romance de um homem rico. — Romance de um rapaz pobre. — O retrato de Ricardina. — O sangue. — — Scenas contemporaneas. — — Scenas da Foz. — Scenas innocentes da comedia humana. — O senhor do paço de Ninães. — A serêa. — O santo da montanha. — As tres irmãs. — A mulher fatal. — Um homem de brios. — Vingança. — Vinte horas de liteira. — Virtudes antigas.

Obras diversas do mesmo author — Divindade de Jesus. — Horas de paz. — Os martyres. 2 v. tr. — O genio do christianismo. 2 v. trad. — A immortalidade, a morte e a vida, trad. — Jesus Christo perante o seculo, trad. — Apreciações litterarias. — O mundo elegante, collecção de romances, poesias, musicas e estampas. — Vaidades irritadas e irritantes. — D. Antonio Alves Martins, bispo de Vizeu, biographia. — A espada de Alexandre.

Dramas do mesmo — Abençoadas lagrimas. — Como os anjos se vingam. — O condemnado. — Espinhos e flôres. — Agostinho de Ceuta. — O marquez de Torres Novas. — Justiça. — O morgado de Fafe em Lisboa. — O morgado de Fafe amoroso. — Poesia ou dinheiro? — Purgatorio e paraiso. — O ultimo acto.

Mendes Leal — Os primeiros amores de Bocage, comedia. — Canticos, poesias. — Os mosqueteiros d'Africa. 1 v. — Infaustas aventuras de mestre Marçal Estouro, victima de uma paixão. 1 vol. — O pavilhão negro, poemeto. — Os bandeirantes (chronica do ultramar). 3 v. — O calabar, historia brazileira. 4. v. — Guerra do Nizam, trad. — A afilhada do barão, comedia. — Pedro, drama. — Pobreza envergonhada, drama. — Egas Moniz, drama. — A pobre das ruinas ou o corsario vermelho, drama e outros.

Julio Diniz — A morgadinha dos cannaviaes, chronica da aldêa. 2 v.

Almeida Garret — Viagens na minha terra. 2 v. — Arco de Sant'Anna. 2 v. — Flôres sem fructo: Lyrica, poesias. — Fabulas, folhas cahidas. — D. Branca, poema. — Romanceiro. 3 v. — Camões, poema. — Catão, tragedia. — Merope e Gil Vicente. — Frei Luiz de Sousa. — D. Philippa de Villhena. — Sobrinha do marquez. — O Alfageme de Santarem. — Tratado de educação. — Portugal na balança da Europa. — O retrato de Venus. — Discursos parlamentares. 1 v. — Helena, romance. 1 v.

Conselheiro Bastos — Collecção de pensamentos, maximas e proverbios. 2 v. — O medico do deserto. — A virgem da Polonia. — Dous artistas, ou Albano e Virginia. — Meditações ou discursos religiosos. 1 v.

Castilho — Noites do castello. os

ciumes do bardo.— Quadros historicos de Portugal. 1 v. com estampas. — Tratado de metrificação portugueza. — O outono, collecção de poesias. — Cartas de Echo e Narciso. — Tratado de mnemonica. — A primavera. — Escavações poeticas. — As Georgicas de Virgilio, trad. — O avarento, trad. — O medico á força. — Tartufo. — As metamorphoses de Ovidio. 1 v. — Amor e melancolia. — Camões. 3 v. — As sabichonas, trad. — Methodo portuguez Castilho. — Os amores de Ovidio, trad. — A lyra de Anachreonte, trad. — O Fausto, trad. — O Misanthropo.

R. Ortigão — Em Paris. — Historias côr de rosa. — Mysterios da estrada de Cintra. — As Farpas, collecção completa. — Hygiene da alma, trad.

Padre Theodoro d'Almeida — O feliz independente do mundo e da fortuna. 2 v. com estampas. — Recreação philosophica. 10 v. — Cartas physico-mathematicas. 3 v.

Padre Antonio Vieira — Obras. 27 v. sendo: Sermões. — Cartas. — Historia do futuro. — Arte de furtar. — Obras varias. — Obras ineditas e a vida do padre Antonio Vieira.

Padre José A. de Macedo — Motim litterario. 1 v. — A besta esfolada. 1 v. — Cartas. 4 v. — O desengano, periodico politico, e moral. — O espectador portuguez. 4 v. — Os burros, poema. — Oriente, poema. — A meditação, poema. — A natureza, poema. — A viagem extatica ao templo da Sabedoria, poema. — Newton, poema. — A verdade, ou pensamentos philosophicos sobre os objectos mais importantes á religião, e ao estado. 1 v. — Censura dos Lusiadas. 2 v. — O segredo revelado ou manifestação do systema dos pedreiros livres e illuminados, e sua influencia na fatal revolução franceza. 5 v. — O homem ou os limites da razão. — Cartas philosophicas a Attico. 1 v. — Refutação dos principios metaphysicos, e moraes dos pedreiros livres illuminados. 1 v. — Cartas a frei Pedro A. Cavroé, e outros folhetos. 1 v. — Os sebastianistas, refutação á mesma obra pelos redactores do Correio da Peninsula. 2 v. — O novo argonauta, poema.

A. Pimentel — Esboços e episodios. 1 v. — Contos ao correr da penna. — Idyllios á beira d'agua. 1 v. — O testamento de sangue. — O annel mysterioso. — A porta do paraiso. — Do portal á claraboia. — Peregrinações na aldêa. — O livro das lagrimas. — O livro das flôres. — Mysterios da minha rua. — Nervosos, lymphaticos e sanguineos. — Entre o café e o cognac. — A virtude de Rosina, trad. — O degredado, trad. — Memorial de familia, trad. — O descobrimento do Brazil, romance.

Os puritanos de paris, por Paulo de Bocage. 3 v.

Frei Luiz de Sousa — Historia de S. Domingos. 6 v. — Vida de D. frei Bartholomeu dos Martyres. 2 v. — Annaes de el-rei D. João III. 1 v. — Vida de Henrique de Susa. 1 v.

Leoni — O genio da lingua portugueza. 2 v. — Estudo sobre os Lusiadas. 1 v. — Lições elementares de poetica. 1 v. — Lições elementares de rhetorica. 1 v.

Urcullu — Tratado elementar de geographia astronomica, physica, historica e politica, antiga e moderna. 3 v. — O catecismo da doutrina christã explicado ou explicações do *Catecismo de Astete*.

Porto: 1876 — Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62